ARLEQVIM
7-JVNHO 28
Nº 20

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS:
Por anno 40$000
Por semestre 22$000
GERENTE:
Horacio K. de Andrade

REVISTA DE ACTUALIDADES
Publica-se ás Quintas-feiras, em São Paulo.
Redacção e Administração
Rua Libero Badaró 28, - 3.º andar, - sala 14
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

DIRECTORES:
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta
ILLUSTRADOR:
J. G. Villin

Corpo de Redacção:
MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO

Collaboradores
ALBA DE MELLO (SORGIÉRO), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIT PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO CE FIGUEIREDO, A DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUETO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCGINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

COM VISTAS A' POLICIA DE COSTUMES...

SCENA PRIMEIRA

Numa mesa, onde se joga o "chemin du fer"

O croupier — Façam jogo, senhores. Na banca, no ponto. Vamos, senhores. Ninguem mais? Feito. (Para o que está com a caixa) Cartas ao ponto.

O ponto (virando sobre a mesa as cartas que recebeu) — Oito.

O croupier — O ponto tem oito. (Espiando, logo em seguida, as cartas do que está com a caixa) Nove na banca. Ganhou a banca, senhores. Temos agora uma banca de um conto duzentos e quarenta oito mil réis. Quem quer fazer o bancô?

Elle — Feito.

O croupier — Está feito o bancô de um conto duzentos e quarenta e oito. Quem mais quer jogar? Na banca. No ponto. Ninguem mais? Feito.

Elle (olhando as cartas que recebeu) — Fico.

SCENA SEGUNDA

Numa mesa de bar elegante

Elle — (Tem nos olhos todas as tragedias que impressionam as mulheres desde as priscas éras do ingenuo pae Adão) — Vim trazer-te o meu ultimo beijo.. sinto-me... desanimado... triste... é inutil luctar, minha amiga! Já não tenho nem esperanças, nem possibilidades... nem nada...

Ella (Com a mais profunda expressão de imbecillidade amorosa) — Porque?. meu amor.. eu não te basto? Acaso não sou toda tua...

Elle (entre irritado e ancioso)— E' que não se vive apenas de amor a dona da pensão, por exemplo..

Ella (interrompendo) — mas... e o conto e duzentos do meu collar?

Elle (theatral) — sou um miseravel... um desgraçado..

Ella (desanimada) — você perdeu tudo?.. tudo.

Elle (olha o tecto e suspira dolorosamente).

...cular de caricias. que nos pagamos

...ria algum dinheipena, de que nos le mil reis?...

... me espera aqui

... imbecil) — Até

...tro): CLUB Vi-

CORRIGENDA

A capa de hoje de "ARLEQUIM" dà como sendo este o nosso numero 20.

É um lamentavel engano que até muito tarde nos passou despercebido.

Rectificamol-o, agora: este é "ARLEQUIM" n. 19.

SAPONACEO RADIUM

O A

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS:
Por anno 40$000
Por semestre 22$000
GERENTE:
Horacio K. de Andrade

REVISTA DE ACTUALIDADES
Publica-se ás Quintas-feiras, em São Paulo.
Redacção e Administração
Rua Libero Badaró 28, - 3.º andar, - sala 14
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

DIRECTORES:
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta
ILLUSTRADOR:
J. G. Villin

Corpo de Redacção:
MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO

Collaboradores
ALBA DE MELLO (SORGIÉRO), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIT PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO CE FIGUEIREDO, A DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUETO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCGINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

COM VISTAS A' POLICIA DE COSTUMES...

SCENA PRIMEIRA

Numa mesa, onde se joga o "chemin du fer"

O croupier — Façam jogo, senhores. Na banca, no ponto. Vamos, senhores. Ninguem mais? Feito. (Para o que está com a caixa) Cartas ao ponto.
O ponto (virando sobre a mesa as cartas que recebeu) — Oito.
O croupier — O ponto tem oito. (Espiando, logo em seguida, as cartas do que está com a caixa) Nove na banca. Ganhou a banca, senhores. Temos agora uma banca de um conto duzentos e quarenta oito mil réis. Quem quer fazer o bancô?
Elle — Feito.
O croupier — Está feito o bancô de um conto duzentos e quarenta e oito. Quem mais quer jogar? Na banca. No ponto. Ninguem mais? Feito.
Elle (olhando as cartas que recebeu) — Fico.
O croupier — O ponto não quer cartas. A banca têm cinco. Cartas a banca. (Sae de dentro da caixa um quatro) A banca fez nove. O ponto tem cinco, não pediu cartas. Ganhou a banca.
Elle — De quanto foi o bancô?
O croupier — Um conto duzentos e quarenta e oito mil réis.
Elle (Entrega ao croupier a quantia perdida)
Um parceiro (para um parceiro ao lado) — Burro! Ficar a cinco..

Elle levanta-se e sae. O jogo continua.

Pudera! Ninguem, no mundo, é centro de systema planetario.

SCENA SEGUNDA

Numa mesa de bar elegante

Elle — (Tem nos olhos todas as tragedias que impressionam as mulheres desde as priscas éras do ingenuo pae Adão) — Vim trazer-te o meu ultimo beijo... sinto-me... desanimado... triste... é inutil luctar, minha amiga! Já não tenho nem esperanças, nem possibilidades... nem nada...
Ella (Com a mais profunda expressão de imbecillidade amorosa) — Porque?... meu amor... eu não te basto? Acaso não sou toda tua...
Elle (entre irritado e ancioso)— E' que não se vive apenas de amor a dona da pensão, por exemplo.
Ella (interrompendo) — mas... e o conto e duzentos do meu collar?
Elle (theatral) — sou um miseravel... um desgraçado...
Ella (desanimada) — você perdeu tudo?... tudo.
Elle (olha o tecto e suspira dolorosamente).

Ha entre os dois uma troca ocular de caricias.

Ella (bondosa e tola) — Escuta, como é que nos pagamos esta conta?
Elle — Eu conheço um rapaz que nos daria algum dinheiro por esse anel, mas.. não vale a pena, de que nos serviriam mais algumas centenas de mil reis?..
Ella (tirando o anel condemnado)
Elle (embolsando-o, em silencio) — Vocé me espera aqui mesmo, filhota?
Ella (persistindo na expressão, amorosa e imbecil) — Até ja amor
Elle, (na rua, sao chauffeur do taximetro): CLUB VICTORIA...

V A R G A S Y H O R T I Z

Desconhecer

Eu não queria que tu soubesses quem eu sou..

Vê-me sempre como o homem elegante, frequentador dos centros sociaes, onde ostenta a superioridade de soberano, rindo para todos e despresando a todos, como sêres inferiores que são.

Admira-me pelos meus pórtes e pelas minhas roupas finamente acabadas. Admira o meu exterior, a minha apparencia...

Faze de mim um objecto para despertar a inveja de outras mulheres, apresentando-me a ellas em tua companhia, mostrando-lhes que eu sou teu, só teu. Usa-me como joia de alto preço, que mostras a todos com o eterno receio de que a roubem.

Assim me quererás eternamente. Nunca procures saber quem eu sou, como é minha alma. Porque quando souberes o que vai por dentro de mim terei o teu despreso...

...porque eu sou o homem que não acredita na mulher, e nem espera a felicidade que dellas póssa vir...

Plinio do Val Flor

A EPOCA DA PENITENCIA

O seculo xx tem-se caracterizado, até nossos dias, pela vertigem que empolgou seus filhos esquecidos, de todo, das cousas da alma.

O materialismo envolvente, a inconsciencia dos homens, a futilidade das mulheres, têm razoavel e profundamente impressionado a Santa Sé.

Por isso, cada vez, mais, se justificam as recommendações da Igreja em relação á penitencia.

Ao bons catholicos mais que a ninguem cabem os bons exemplos.

Façam uma visita á casa Santa Ephigenia, sita a rua Santa Ephigenia numero quarenta e cinco a, que offerece aos seus amigos e freguezes, um lindo sortimento de fitões do S.S. Sacramento, do Coração de Jesus, e mais Associações catholicas.

Rosarios, livros de missa e de piedade, santinhos, medalhas, imagens, alfayas, paramentos, artigos variados para presentes, etc., etc. – M. Silva & Cia.

ALTAMIRA

Não sei que pensamento lhe assaltára o cerebro. Estava nervosa e incerta. Algo lhe havia acontecido e, isso, era facil de se perceber. Approximei-me. Respeito sempre o silencio alheio. O sól a pino ,projectava na areia o esbelto porte de Altamira. Passeava silenciosa e abstracta. Era como se eu não estivesse alli, assemelhava-me a uma segunda sombra. O mundo subjectivo em que eu sentia ella estar, muito me preoccupava. Aquella moça não vivia desde que perdera o noivo. A abstracção a que estavam atirados o seu espirito e pensamento, muito me faziam pensar. Eram festas, bailes e chás que se realisavam com intuito de fazel-a esquecer áquelle que fóra a razão de ser de sua existencia : — Tudo baldado ! E eu a amava. Amava-a tanto que por ella, daria, de bom grado, a minha existencia em troca da daquelle que se fôra. Assim passeamos longo tempo, silenciosamente, pisando levemente a branca e humida areia, que as brancas e humidas ondas traziam á praia do mar.

De vez em vez o "klaxonar" de um auto ferindo meus ouvidos, trazia-me á realidade da vida. Era preciso voltar, já haviamos andado bem muito, no emtanto, faltava-me a coragem precisa para tiral-a daquelle entorpecimento, daquella falta de energia, em que eu a sentia. Altamira, tu não queres voltar? Já estamos bem longe !, disse-lhe quasi a me sumir a voz na garganta, mas, sufficiente, para que ella ouvisse. A resposta não se fez esperar, veio acompanhada de um sorriso. De um sorriso que nos faz chorar. Raul como tu és bom ! Como tens sabido me comprehender, soffres commigo. Sabes o que eu vinha pensando agora : – na proposta de casamento que tu me fizeste. Ainda hoje na Abbadia do convento, contei ao meu confessor tudo que me tinhas dito, e vou acceitar a tua proposta.

Amas-me, bem o sei. Procurarei fazer-me venturosa, sentindo-te feliz. Entretanto, Raul iremos sempre juntos em vida, rezar sobre o tumulo daquelle que foi meu noivo e que era tão teu amigo. Consentes-me Raul ? Sim, Altamira, consinto e quero !

Hoje, passeámos na praia do mar, o sol a pino projectava na branca areia o esbelto porte de Altamira. Duas travessas gaivotas brincavam no azul do céu, como a dizer que não eramos só nós que eramos felizes.

Carlos Ferraz Alvim

O PRIMEIRO CONCURSO DE "ARLEQUIM"

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua litteraturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não ha mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos **"Motivos de Proteo"** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **"Ariel".** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

Minha linda desconhecida

Esta pagina de "Arlequim" onde te escrevo, é reservada as cartas de amor. Estará a minha nessas condicções? Digo que não, mas temo muito que sim... Hoje é quarta feira de cinzas; aqui do meu quarto, neste 5.° andar, que abre as janellas sobre a cidade immensa, toda eriçada de torres e arranha-céos, olho para as nuvens sombrias e lentas que se encastellam ameaçadoras, esperando o momento de se desfazerem em chuva benefica para lavar a cidade da modorra preguiçosa do Carnaval.

E' muito possivel que eu esteja com cara de pierrot amanhecido, dentro deste pijama japonez com arabesco e dragões bordados sobre o setim preto. Cara de pierrot e alma de pierrot tambem; e d'ahi a explicação desse romantismo remanescente, cansaço do corpo que se alonga pelo espirito, e que ahi fica nesta carta. E porisso eu ainda pergunto: será uma carta de amor? Nem siquer sei o teu nome; você foi uma silhueta gentil que o Carnaval me trouxe; entretanto porque será que hoje, nessa preguiça enervante e lassa, povoada de mil fragmentos de recordações, ja distantes, de horas que mal acabam de passar, porque será que dos mil e um sorrisos tentadores, só conservei o teu; que de todos os olhos lindos, somente os olhos da menina de kimono preto me impressionaram? E, que explicará tambem, essa angustia vaga e deliciosa de temer nunca mais te encontrar; esse comprazer-se do meu espirito em tecer mil conjecturas em que você estivesse ao meu lado, em que eu sentisse a pressão macia e carinhosa das suas mãos morenas?

Você naturalmente terá como as outras, curiosidade de lêr esta pagina de "Arlequim" Talvez que não adivinha que ella é escripta só para você, e que o concurso, apenas um meio... Isto se você já estiver esquecida d'aquelle rapaz alto, de roupa branca, no corso de 3.ª feira na Avenida, a quem você disse: "tome cuidado que isto pode acabar mal" Acabará mal? e que tem isso, minha amiguinha, se está começando tão deliciosamente?...

Neste concurso "Arlequim" publicará cartas muito mais bonitas muito mais literarias – aliás. eu estou escrevendo simplesmente sem essa preoccupação, sem corrigir, sem rebuscar. De todas as cartas porem, e agora eu posso affirmar: nenhuma será como esta – uma verdadeira carta de amor.

Luiz

MEU AMOR

Hoje, fitando o azul das montanhas ao longe, senti uma saudade immensa dos teus olhos, dessas pupillas côr da distancia que nos separou.

Tornei-me melancolico e tive o desvairado desejo de escrever-te. Apesar de mergulhar no esquecimento, eis-me de novo anciando por noticias, por uma de novo anciando por noticias, por uma carta tua que unicamente attenuará a clausura do meu isolamento.

Oh! estou tão longe, tão longe! E tu, talvez, nem te recordes mais de mim. No entanto, acredita-me, supplico-te, desde que parti, hora por hora, sinto crescer o puro sentimento de adoração pela tua alma sublime de mulher prompta para perdoar os maiores culpados.

Dia e noite, na dor ou na alegria, tenho-te inteira na memoria; pois o afastamento nosso e o tempo a correr veloz não conseguiram ainda apagar a lembrança saudosa da felicidade e do amor. O meu pensamento louco imagina a todo instante que me perdoaste e tece rendados de esperanças, ergue nos ares gigantescos terreões para o futuro. Por isso tortura-me tanto pensar que não me queres como outrora.

Oh! manda-me dizer que ainda me amas enviando o teu perdão. Basta uma phrase apenas aquellás palavras que envolveram os meus dias de ventura como as notas vibrantes de uma melodia sonóra de beijos.

DARIO

Eleonor

recebi hoje a tua carta. Beijei-a e lia-com grande ansiedade. Que desillusão! Dizes-me "que o nosso amor já morreu, e que, portanto, não pode recomeçar. Dizes que já tens alguns cabellos brancos e que os meus labios são como as antenas das borboletas irrequietas que colhem o pollen de cada corolla que se lhes apresenta no caminho" Que palavras de desillusão! Meu amor, o nosso amor ainda não morreu. Houve, apenas, um arrufo escuro como uma nuvem que toldou o sol. Mas a nuvem passou, e o sol (o nosso amor) ficou. Ficou sim, que eu bem n'o sinto aqui, aqui dentro, no meu coração, que bate forte quando a tua imagem apparece na retina da minha alma. Teus cabellos brancos? Envelheceste? Não, Eleonor. Tu és para a mim sempre a mesma menina em botão. Tu não envelheceste, como não envelhece nunca a fonte, que, entre musgos e myosotis, conserva, através dos seculos, a sua cara de menina. Vem, meu amor. Continuemos a lançar a mesma serpentina colleante da Graça á nuvem fugidia do Ideal! Vem offerecer-me a corolla dos teus labios, para eu continuar a sorver o mais doce pollen da mais linda rosa que encontrei na minha vida.

Teu do coração,

Sergio

Persio

Eu não venho massar-te com uma carta de amor, para dizer como todas o fazem, que te amo loucamente.

Com estas linhas sómente quero saber a causa do teu silencio, da tua falta de noticias.

Quando um homem diz amar e deixa de procurar a mulher que lhe provoca esse sentimento, ou está louco, ou de posse de toda a sua razão, porque o amor quando actúa, procura sempre creaturas que estejam entre a razão e a loucura. Eu, detesto a razão e abomino a loucura; gósto sempre da phase entre as duas, na qual justamente o homem deixa de ser homem para se tornar o mais amavel dos humanos e o menos tyranno delles. Quando não, elles como tu, os homens, sabem sómente contradizer, maltratar e fazer que detestam as mulheres...

Eu já te disse muito e agora quero que saibas que não estou triste com a tua falta; pelo contrario. Pensa bem que a tua ausencia para mim representa o meu pensamento no teu e assim sendo, não deixaste e nem deixarás de pensar que existo.

Não te digo phrases loucas, apaixonadissimas, porque hoje as mulheres as economisam, posto que nada representam. Quero-te muito. Já o sabes e ha muito que vens o mesmo dizendo. E' o bastante. Escreve.

Eu, sou a mesma.

Wania

Para
conservação da
belleza
da
pelle
deve-se usar o
SABONETE
Thymo Borico
SOBERANO PARA CREANÇAS
SILVA ARAUJO & C.ia

O ELIXIR DE
VITAMINAS
SILVA ARAUJO
Fortalece
Engorda
Tonico e Alimento

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
PEDROSO D'HORTA

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I — 7 de Junho de 1928 — N 19

Americo R. Netto

Deixa de apparecer no cabeçalho de "ARLEQUIM" o nome de Americo R. Netto, que nelle figurou desde a fundação.

Quando "ARLEQUIM" era apenas o sonho de um jornalista bohemio, e de um jornalista sensato, mais que as difficuldades economicas, a falta de um technico, que fosse tambem pessoa de espirito, capaz de tornar o bonequinho o que hoje elle é, se fazia sentir.

E foi quando o jornalista bohemio o jornalista sensato pensaram em Americo Netto, collega de ambos. Elle, tambem, era um sonhador. Elle tambem vivia pensando em dar a São Paulo uma revista como São Paulo merecia. Elle já fundara anteriormente o "Sports", a bellissima e primeira revista, moderna que se fez no Brasil. E movia, como move, a brilhante 'Bôas Estradas"

E Americo Netto acceitou promptamente o convite para dirigir o "Arlequim" Mas, o "Arlequim" era, então, apenas uma probabilidade muito linda, que Americo Netto, ajudou a realizar. Foi elle quem determinou o formato da nossa revista. Elle quem, pela primeira vez, a paginou. Elle ainda, quem arrancou das nossas paginas o papel jornal, substituindo-o por este bouffant fofo e leve que fomos os primeiros a usar.

Não nos surprehende, agora, a retirada de Americo Netto. Já estavamos avisados : "Quando o "Arlequim" não precisar mais de mim, deixo vocês. Tenho a Associação de Estradas de Rodagem. Trabalho no "Estado" Vou ao Rio quasi que diariamente. Ando de Secca a Mecca. E, alem destas coisas todas, soffro do mal dos desastres. " E, assim, Americo Netto será de hoje em deante apenas nosso amigo querido e collaborador brilhante. Para o seu logar vem Pedroso D'Horta.

Pedroso d'Horta entrou para o bonequinho quando este passava pelo seu periodo mais difficil. Auxiliou-o. Foi aqui dentro um factor de successo. E' muito por cento da nossa victoria. Comnosco passou noites inteiras em claro. Escreveu, dirigiu, imaginou, dobrou revistas, collou sellos, cantou, comnosco, e "Caminito" de madruga. Nada mais justo portanto, que elle seja, agora, o substituto de Americo Netto.

MASCARA DE COLOMBINA

PRELUDIO

Azas misteriosas de sombras e silencio; azas solitarias e penumbrosas de minha alma; remotos poentes de ternura para onde se arroja a vida; noites fugaces, noites em que me abysmo na oração radiosa do amor!

E os teus olhos negros e o teu collo moço, neste crepusculo que me envolve e me allucina; silhuetas sonhadoras numa acquarella antiga; balladas que cantam a vida; revelações de côres e ressurreições de lendas.

Menina e moça:

E os teus olhos negros e o teu collo branco...

E abro os olhos da Alma e abro os olhos da Arte.

E os teus olhos negros, e o teu collo moço têm perspectivas de maravilhas longinquas, que eu advinho não sei onde, de olhos semi-cerrados, na esperança de uma posse que ha de vir.

Rasgo a gaze que te cobre, estheta do Bello, numa profanação honesta, como um sol fogoso na diluição de cirrus e neblinas.

E gozo, na volupia suprema, immovel, demoradamente, a embriaguez que me vem de Ti. Extranho idolatra de artisticas feituras, quasimodo exaltado, eu me fundo nas linhas doces de teu corpo quente para sentir e ouvir a rapsodia infinita da infinita Belleza!

E as azas misteriosas, na sombra e no silencio, vibram; e as solitarias azas da minha alma se illuminam numa transfiguração; e os poentes explodem numa invasão de luzes!

E no minarette bizarro da phantasia a inspiração espia; espia e crêa...

Crêa céos extranhos em que a minha imaginação se eleva.

E é no teu busto, e são nos teu peitos erectos que a abelha glorificadora da Arte, como numa extranha flôr exotica, pousa e beija.

E serás minha.

Serás minha na evocação da saudade, na floração eterna dos meus poemas: aos teus olhos negros, ao teu collo moço...

GASTÃO DO VAL

RESIGNAÇÃO

Todos nós tivemos, na vida, um minuto feliz. A felicidade existe assim, em doses homeopathicas. As gotas vêm distanciadas... distanciadas...

A's vezes numa vida humilde cáe apenas um pingo do conta-gotas Destino...

Eu já tive a minha gota de felicidade.

Eu já tive a minha gota de felicidade.

Certo dia, em certo momento, você me sorriu.. E o seu sorriso naquelle dia, naquelle instante..

Depois nunca mais os seus labios se entreabriram num sorriso para mim.. Mas ficou-me a lembrança daquelle sorriso unico na minha vida!

E a recordação delle ainda é um pouco de felicidade...

WALTHER BARIONI

RECITAL DE POESIA DE MARIA EMILIA FONTES

Meu Santo Antonio das Moça

A' Maria Emilia Fontes

Meu Santo Antonio das moça
Me proteja Santo Antonio
Que eu tô doido pra casá!
— Aquella diaba do diabo
Mais pió do que o demonio
Tem feito o diabo comigo
Mas de mim não qué gostá!
Tem dó de mim! me proteja,
Que eu sou tanto seu amigo...
Dá só um geitinho meu Santo:
— Si ella fô comigo á Igreja,
Fico maluco da vida
Tão contente, tanto! tanto!
Que sou capaz e garanto,
De fazê num sei o quê!
— Mais o meno tô pensano...
O que que eu hei de fazê?
Já sei! — Primero de tudo
Prego surra em cima della,
Uma surra de chinella!
E' alli! Conheceu papudo!
Só p'rella vê quanto doe,
Pra vê o quanto doeu
Aquella sova doida
Que sem dó ella me deu!
Só mêmo fazendo assim
Nunca mais ella na vida
Ha de judiá mais de mim!
O Santo conhece a manha:
— E só fazê tempo quente!
Porque muié quando apanha
Gosta muito mais da gente...
Eu sei que numa muié
Não se dá nem cuma flô.
— Crêi que peccado não é
Si é cum chinella que eu dou.
— Meu Santo casamenteiro
O meu amô não se acaba
Não se acaba e não tem fim!
Meu Santinho padroeiro,
Dá um geito naquella diaba
Pra que ella goste de mim!.

D R F E L I X

ENLACE ALVARES DE LIMA = CAIO DE ARAUJO

Realisou-se dia 23 de Maio proximo passado, na residencia da noiva, á rua Oscar Porto 28 o enlace matrimonial da Senhorita Evangelina Alvares de Lima, com o Dr. Soter Caio de Araujo. "Arlequim" lá estava, desejando um milhão de felicidades aos nubentes.

O Dr. Soter Caio de Araujo é um dos nossos mais capazes e esforçados engenheiros. Espirito culto, estudioso e affavel foi com grande prazer que d'elle nos approximamo

Foram seus paranymphos, no acto civil o Dr. Mario Corrêa, presidente do Estado de Matto Grosso e Heitor de Lima. Representou o Dr. Mario Corrêa, o Dr. Paulo Colombo de Queiroz.

Na cerimonia religiosa foram padrinhos do Dr. Soter Caio de Araujo, o Dr. Romeiro Iander, director da Estrada de Ferro Central do Brasil e a Senhorita Irene Alvares de Lima.

A senhorita Evangelina Alvares de Lima é filha da veneranda Senhora D. Margarida J. Alvares de Lima e do saudoso Sr. Joaquim Eugeniode Lima.

Nascida de uma familia illustre no Imperio e na Republica, pela intelligencia, educação e honradez de seus membros, a Senhorita Evangelina Alvares de Lima é tia do nosso amigo Sr. Joaquim Eugenio de Lima Netto, redactor de "Arlequim".

Paranympharam-n'a, no acto civil, o Deputado Eugenio

de Lima e Senhora, e o ministro Rocha Azevedo e Exma. esposa.

No religioso foram seus padrinhos o Sr. Joaquim Eugenio de Lima Junior e Senhora e a senhorita Margarida Alvares de Lima.

Celebrou a cerimonia Frei Luiz de Sant'Anna velho amigo da familia.

Nestas duas paginas damos algumas photographias, tiradas na occasião, de amigos e parentes dos consortes.

São Paulo velho que se remoça

Visitantes às obras da Prefeitura, atravessando as fundações feitas, pelos engenheiros municipaes, na Ladeira do Carmo onde serão onstruidos dois grandes mirantes que dominarão bellissimo panorama dos bairros de além Tamanduatehy

Os paredões de alvenaria de pedra das obras de transformação da ladeira do Carmo.

Marina de Padua que abrilhantou, dizendo cousas bonitas, o festival do São Paulo Tennis por nós patricionado. Em breve teremos novamente a felicidade de ouvil-a num recital de declamação que realisará na nossa cidade.

Você foi embora . . .

Passarinho, lá fóra, tá cantando,
tá dizendo que a vida é muito boa,
e que tudo é bonito como quê !
Passarinho, lá fóra, tá mentindo.
Tá dizendo que tudo é tão bonito,
e não há nada bonito sem você. . .

MAURICIO GOULART

Originalidade Funesta

Meu amigo Jeremias tinha cerebro como poucos. Ha dias encontrei-o apressado, suarento, sobraçando respeitavel pasta

Olá, Jeremias, que faz? Está, assim, com ar ministerial! Nova sinecura

Qual nada, minha amiga. Como sabe, sou medico e operador.

Mas não creio que chegue á perfeição de operar em plena rua.

Jeremias adoptou a maxima do americano *time is money* e, para não perder minutos, foi direito ao fim:

— Tenho sido feliz na profissão, doentes não me faltam

— Pudera! "O Brasil é um vasto hospital" Mas, afinal, que tanto opera

Banalidades

Ahn! Jeremias, como lhe brotou na cortex tão genial idéa?

— Qual genial, qual nada! Idéa vulgarissima. O ovo de Colombo, comprehende?

Estou tentando.

Estudei meu *quelque chose* de psychiatria e, precisando de cobres, enveredei pelo caminho dos inventos absurdos, o mais rendoso nos tempos que correm. Pensei, repensei, matutei e, quando já estava para desistir, em desespero de causa, deu-me o estalo nos miólos. Eureka! Cá está a chave do thesouro! Abre-te Sesamo! Viva, seu Jeremias, berrei de mim para mim. E só não imitei o Archimedes porque, em primeiro lugar, estava vestido e, depois Nada disso! A humanidade de hoje não é mais a daquelles bons tempos dantanho, quem menos corre usa avião. Contive-me. Cala-te bocca! Seja prudente, Jeremias, monologuei, "a idéa é tudo, o resto quasi nada" pegam-lhe na dita e Tomei minhas precauções. Construi amurada circumdando-me a capacidade creadora, muro de defesa durante a inconsciencia do somno e, certo de que este mundo é um vasto palco, vencerá nelle mais facilmente o melhor artista, passei a cuidar da ensceneação. Montei consultorio num dos arranha-céos da Avenida. Mobiliario modernissimo, confortavel; mesas operatorias e mais apetrechos movidos a electricidade, processos ultra-modernos de asepcia, armarios repletos de ferro rectos, curvos e recurvados, virgens de trabalho, luzidios, e. francamente, senti-me com meia victoria na mão, meia gloria a cingirme de louros a cabeça.

— E' isso, dahi a luminar, pouco falta...

— Arranjei porteiro fardado, bem parecido, enfermeira bonita, em impeccavel avental de linho branco, empalei a placa na porta e annunciei nos jornaes diarios: "Dr. X, recentemente chegado do Velho Mundo, onde se especializou, opera, pelos processos modernos, banalidades e todas as affecções dellas derivadas. Consultas diarias das tres ás cinco"

Esperançado fui para o consultorio, no dia seguinte, antes de duas horas. Enterrara naquelle luxo o legado do velho tio Manduca, modesto fazendeiro que, a plantar batatas, juntara aquella meia centena de contos para deixar ao sobrinho, na falta de outro herdeiro.

Valei-me, tio Manduca! Do contrario lá se irá todo o vosso rico sobrinho.

Quando meu automovel (é verdade, tenho um Ford baptisado por Packard) rompeu naquelle trecho da Avenida, que vi? Incendio? Desastre? — Não, minha rica, era o povareu a procurar-me. Saltei na esquina, rompi a custo a massa que se comprimia á minha espera lá, em baixo. Pobres clientes, tão afflictos, tão confiante nas luzes da minha sciencia!

Depois de muita lucta consegui alcançar o *hall* da escada e, subindo alguns degráos, á guisa de tribuna, preveni selecto audictorio de que o Dr. X só attenderia com hora previamente marcada. Ia mandar proceder á venda dos cartões para o dia seguinte. Aproveitando a opportunidade, avisava que, no primeiro mez, attendendo á influencia de doentes, trabalharia das oito da manhã ao meio dia e de uma da tarde ás oito da noite.

Meus clientes, embasbacados, olhavam-se como a um superhomem. Vencera, mais uma vez, a capacidade oratoria herdada de meu avô, mestre escola.

— Pelo que vejo você é um predestinado. Heranças pecuniarias, heranças psychicas de incontestavel valor.

— Estou mesmo convencido de que nessa cousa de circumvolução de Broca sou um Gambetta.

— Parabens! Christo dizia: "Eu sou quem sou" Nós sosmos, realmente, aquillo que julgamos ser.

— Como ia contando, tomei o elevador para o quarto andar. Na sala de espera, moças lindas, perfumadas, almofadas, catitas, velhos besuntados, matronas obesas, que sei? — esperavam-me afflictos, com olhares de quem implora caridade. Repeti-lhes o discurso do rêz do chão e, solemne entrei no consultorio. Dei ordem ao porteiro para vender cartões a cem mil réis a primeira consulta e cincoenta as demais e, sobretudo no braço, havana na bocca, sahi mais solemne ainda, atravessando a sala de espera para alcançar o elevador. Que alivio quando me vi na rua, menina!

— Calculo! Pobre de você, Jeremias, logo no quarto andar.

— Minha amiga, emocionei-me de tal modo que não dormi toda a noite. No dia immediato, alvorada. Madruguei no consultorio.

Minha primeira cliente, uma bella jovem, tinha paixão pelo primo. O latagão não se resolvia a desposal-a. Achava-a futil, banal. Mas, realmente, o motivo era

outro : o pirata queria ver si pegava prima mais rica, embora menos bella. O homem é, antes de estheta, egoista.

Examinei a romantica. Assegurei-lhe : dentro de tres mezes estará curada desde que siga á risca minhas prescripções. Penso poder dispensar operação. De qualquer forma, victoria certa e, até o fim do anno, será Mme Z. Sahiu radiante promettendo-me recompensas principescas caso conquistasse o ideal. Que mais queria eu? Os cem mil réis estavam na gaveta.

— Sim senhor ! Que falta de consciencia. Mercadejar desse modo com profissão tão nobre !

— Espere. Tem mais. Não ha mãos a medir. Faço feria nababesca. (Servindo-me dos conhecimentos psychiatricos e de um pouco de suggestão, vou curando gente aos pelotões). Quando o paciente soffre de alguma appendicite.. opera-se. Tenho varios casos positivados, o nome a se espalhar aos quatro ventos, a fama, a fortuna e a gloria a me entrarem portas a dentro.

— Jeremias, o que você descobriu foi a succursal da Revista do Supremo. E agora onde vae? Que é feito do Ford?

— O Packard? Está na officina. Onde vou? Bem mostra que é mulher, curiosa como todas as Evas. Vou tirar patente da minha invenção, ali no Ministerio da Agricultura, ahi está.

— Jeremias, você me horroriza você é um tarado, um criminoso !

— Tarado, eu? Essa é boa.

— Você já pensou em como será desgraçada a humanidade quando desapparecer da face da terra esse condão mysterioso, essa varinha magica que a faz mover, soffrer, vibrar, viver emfim, quando desapparecer a banalidade? Você é o assassino da felicidade humana, Jeremias ! Nós precisamos tanto de futilidade como de ar para respirar, de pão para matar a fome.

— Ora, adeus ! Você com esse sentimentalismo. . Quer saber? Vá procurar-me. Aqui tem o cartão. Você está doente, menina.

Olhei-o espantada. Meu pobre amigo apresentava serios symptomas de allucinação mental. Enlouquecera-o a estafa. Pudera ! Pretender estirpar a futilidade do mundo.

MARIA JOSÉ FERNANDES

LUGAR COMMUM

I

A sala de jantar
O relogio que dava azar
O sujeito que vinha tratar de negocios

O martyrio das incompreensões
O tedio
O sonho
E aquelle desejo tão grande de horizontes mais largos.

II

Projecções
Planos
Bebedeira de espaço

A tristeza das realisações
O tedio das realidades
As compreensões
As liberdades
E esta saudade tão grande dos horizontes estreitos.

Augusto Frederico Schimidt

PEDAÇOS DE VIDA

Percebeste o que eu disse?

Não comprehendo.

Continúas a fingir que não me queres ouvir.

Já te disse dez vezes : não ouvi nada, não quero saber das tuas conversas.

Supplico-te que me ouças esta vez, apenas. Depois, logo depois, partirei para bem lonje.

Irritante ! Desista !

Pois bem ; vae escutar-me á força. - Agarrando a cabeça della, eu a trouxe para perto de mim.

Um fôgo atroz invadio-me o rosto. Era a minha vida ; o meu sangue que affluia á bocca e ás faces, para festejar-lhe o ouvido. N'um segundo, pensei no meu passado ; nos annos perdidos em que meu coração luctava para conquistal-a. Disse-lhe qualquer cousa e fugi.

Quando eu desapparecia por traz do cercado, ella sorrindo fallou :

— Tolo ! Antes me tivesse beijado.

Braz Glette

A nossa caravana

Mais alguns dias, e partirá de São Paulo para o interior a caravana "Arlequim". São oito moços que levam para o nosso "hinterland" um pedaço grande de sonho e uma porção de coisas bonitas. O "Theatro de brinquedo", de Alvaro Moreyra ,e um punhado de poesias ineditas do notavel artista de "Um sorriso para tudo...". Canções brasileiras de Hekel Tavares e Marcello Tupynambá : "Sapo cururú", "Felicidade", "Mamãe Preta", "Unica", "Diabinha", "Andorinha". "Eu tenho uma raiva de você"... E trabalhos dos literatos brasileiros mais em evidencia : Olegario Mariano, Adhelmar Tavares, Cleomenes Campos, Corrêa Junior, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Canto e Mello, Menotti del Picchia, Mario de Castro, Pereira da Silva, Guilherme de Almeida, Raul Bopp, e tantos outros... E quem irá? Estes : Mauricio Goulart, Pedroso d'Horta, Joaquim Eugenio de Lima Netto, Felix de Queiroz, Nicanor Miranda, Candido de Arruda Botelho, Elias Alasmar, Candido Barbosa.

Tudo gente moça, da sociedade de São Paulo, que todo São Paulo conhece. Não temos a menor duvida sobre o exito desta caravana, pelo bonequinho sonhada e realizada. O interior a cobrirá de muitos applausos. Pelas cartas que temos recebido é já grande o interesse com que está sendo esperada. Por enquanto, figuram no programma para serem percorridas, dezesseis cidades. Mauricio Goulart e Pedroso d'Horta partiram na noite de 4 para Rio Preto, de onde seguiram para Catanduva, Araraquara. Mandaram-nos dizer isto : "Não esperavamos a recepção que estamos tendo. Em todas as cidades somos tratados carinhosamente. O interior encanta. Já está determinado que a estréa da caravana dar-se-á em RioPreto na noite de 20 do corrente". E por esta recepção que estão recebendo aquelles nosso companheiros, que daqui partiram para ultimarem os preparativos, é de suppor mesmo que a caravana "Arlequim" obtenha exito melhor do que o esperado por todos. E' do que estamos certos.

E, agora, cumpre-nos agradecer a varios amigos.

No Rio de Janeiro, onde estiveram para colher material, nos dias 25, 26, 27 e 28 do mez passado, Mauricio Goulart, Pedroso d'Horta e Joaquim Eugenio de Lima Netto, foram alvo das melhores prova de carinho, quer por parte da imprensa da capital federal, quer por parte dos artistas do Rio de Janeiro. Netto Machado, no "O Globo", Pereira da Silva, no "Diario do Rio", Alvaro Guanabara, no "Paiz",Arthur Mossena, na "Noite", Milton Rodrigues, na "Manhan", Fausto Torrence, na "Agencia Americana", Carvalho e Silva, na "Agencia Brasileira", todos fizeram as mais desvanecedoras referencias á iniciativa que tomamos, e cumularam aquelles nossos companheiros das mais fidalgas gentilezas, entrevistando-os, publicando-lhes os retratos em varios jornaes. Em contacto sempre com os artistas da capital, foram recebidos por Bastos Portella e Martins Capistrano, no "Fon Fon", onde Bastos Portella, e "Yves" que todo o Brasil conhece, lhes entregou para a caravana dois ineditos, que serão publicados nestas paginas, mais tarde. No "Para Todos" recebeu-os o grande Alvaro Moreyra, que os levou, em seguida, para sua residencia particular, onde viram Rosa Marina, a filhinha encantadora de Alvaro e onde D. Eugenia, a illustre companheira do creador do "Theatro do Brinquedo", do qual ella mesma é a alma, os rodeou de finezas. Depois, estiveram com Hekel Tavares, e visitaram a Academia Brasileira, onde foram recebidos pelos immortaes Afranio Peixoto e Goulart de Andrade, que disseram tambemgrandes louvores á idéa da caravana "Arlequim". Mas — e o deixamos por ultimo de proposito — merecem tam-

Mauricio Goulart, Pedroso D'horta e De Lima Netto, Directores e Redactor de "ARLEQUIM" na redacção do "Diario do Rio". Ve-se ao centro o poeta Pereira da Silva.

bem o nosso maior agradecimento o fino poeta Mario de Castro, cujos versos bellissimos os leitores de "Arlequim" já conhecem, e o sr. Lauro Fontoura, distincto jornalista. Estes dois amigos acompanharam passo a passo os emissarios da nossa caravana. E devido a elles, que serão os fundadores de "Boneca", uma lindissima revista que apparecerá brevemente no Rio de Janeiro (a noivinha de Arlequim, como elles dizem), foi que os nossos companheiros obtiveram em grande parte aquella carinhosa recepção na capital.

Ha ainda, entanto, a quem, agradecer. E agora sim é que não encontramos palavras que bastem. E, por isto, lhes citaremos apenas os nomes :

Alba de Mello e
Maria José Fernandes

As duas brilhantes escriptoras que são a vida do "Arlequim" no Rio de Janeiro. (E está dito tudo).

A' imprensa de São Paulo devemos tambem um grande muito obrigado. "O Estado de São Paulo", "O Correio Paulistano" o "Fanfulla", "O Diario Nacional", "A Folha da Noite", "O Jornal do Commercio" Victor Val, o burilador do "Manto de Arlequim", no "Diario da Noite", e "O Combate", tem tecido commentarios quase que diariamente, applaudindo sempre o fim a que nos propuzemos.

Já está cumprida a nota. E paramos por isto. Não antes sem dizer que "Arlequim" será de agora até o termino da caravana, principalmente o orgão desta embaixada artistica. Nem por isto, entanto, deixará de preoccupar-se muito com os factos sociaes de São Paulo.

Tornar-se-á mais interessante, apenas : alem destes, estampará photographias e commentarios de tudo quanto for acontecendo, no interior, aos oito rapazes que constituem o brilhante grupo por nós organisado.

O Hekel, das canções que toda gente conhece e admira

Alvaro Moreyra, burilador dessa joia encantadora que é "um sorriso para tudo; e creador dessa coisa linda que faz rir e faz pensar O Theatro de brinquedo...

ALGUNS DOS... C

A' Caravana "Arlequim"

A Mocidade é como a Primavera.
Crê no seu proprio genio. Sonha. Espera.
Se faz loucura é porque é nova e ardente
E ama a Bellezza e a Gloria e porque sente
Que o calor do seu sangue germinal
E' breve justamente por ser tal.

Se faz loucura nunca fez maldade
Ou descreu da Virtude e da Verdade
Ou se humilhou — ou por qualquer razão.
Negou justiça ás almas de eleição.

Felix de Queiroz

De Lima Netto

Mauricio Goula

A Mocidade é qu
Cada gesto de au
Que traz á surda
Outra volupia ind

Candido

CARAVANISTAS

Goulart

A Mocidade é que não falta á liça
Em nome da Bondade ou da Justiça
E pela Patria, se preciso fôr,
Dá toda a gloria do seu sangue em flôr.

e renova e anima
lacia e cada rima
insipidez da Vida
a desconhecida.

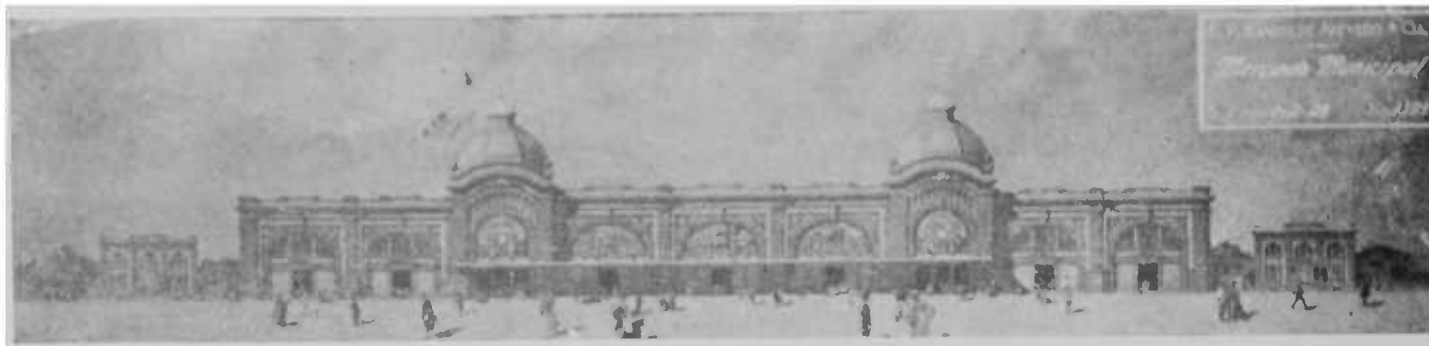
Pedroso D'Horta

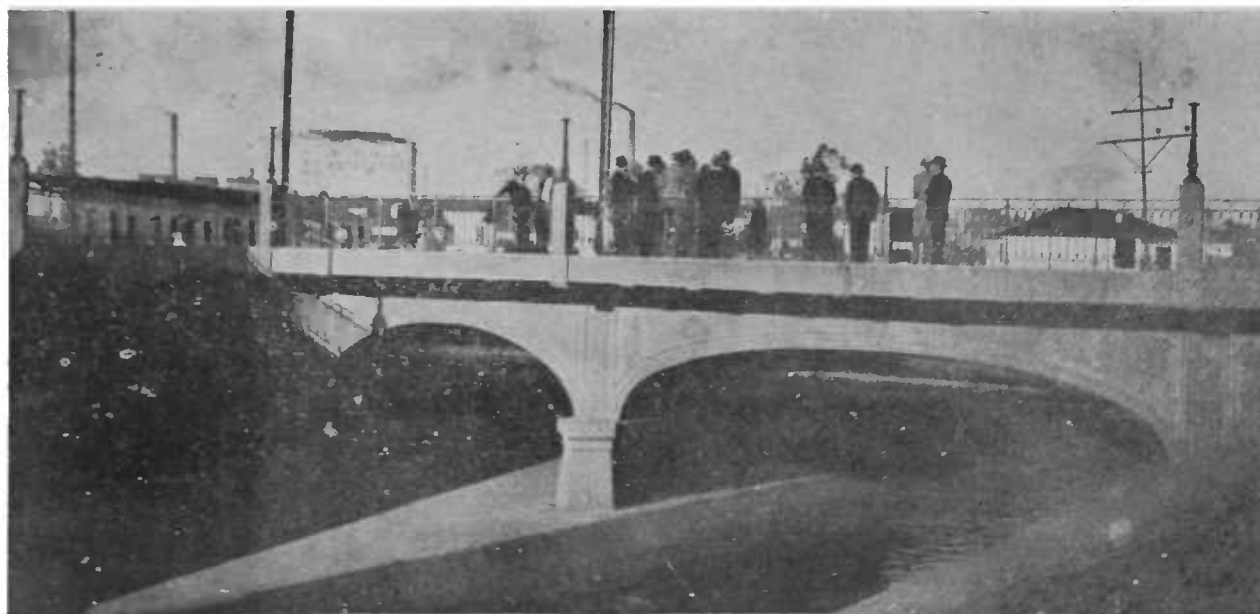
Por mim, devo dizel-o sem tibieza,
Nas horas de alegria ou de tristeza
Intima e só, mas tão calada e forte
Como, talvez, a que precede a morte
Foi da nobre effusão da Juventude
Que me veio o calor e a fortitude.

Rio, 25 de Maio de 1928.

A. J. Pereira da Silva

arboza

Arruda Botelho

O novo Mercado Municipal, a cujas obras a actual administração tem dado grande impulso, devendo uma parte estar concluida ainda este anno, e outra no anno vindouro.

Jornalistas, funccionarios da Prefeitura e outros convidados que tomaram parte na visita ás obras municipaes, pousando para "Arlequim"

Ponte de concreto armado sobre o Tamanduatey, ligando o bairro da Moóca ao do Cambucy. Esse é um dos typos de ponte que a Prefeitura está construindo em substituição ás antigas de madeira

O galante pequeno Antonio, filho do Dr. Miguel Mauricio da Rocha, professor da Escola de Engenharia Civil e de Minas, e de sua esposa D. Maria Cecilia Carvalho de Britto Mauricio. É sobrinho do nosso grande amigo, o immortal artista Virgilio Mauricio.

Moralistas

Num trem da Central. Carro cheio. Algumas faces glabras, com enormes oculos de tartaruga. Viajantes afundados na leitura de jornaes. Mulheres, muitas mulheres. Uma bella, de uns trinta e cinco annos, com duas filhas meninas-moças. As filhas, tambem bellas, parecem (ou são?) menos attrahentes que a mãe. (As bellezas meio maduras são talvez as melhores. Os velhos ou *blasés* é que dão preferencia as fructas verdes, sem cultura). Ao meu lado, um casal de inglezes velhos.
Duas caras de granito. A mulher está de cabellos cortados, bem rentes. O marido tem um modo triste de funccionario aposentado. Não sei porque, mas aquelle casal de velhos me inclina a pensamentos crepusculares. Outro casal, um pouco adeante. Volta de uma viagem de nupcias ao Rio. Elle é um brasileiro, de vinte e poucos annos. Ella tem a mesma edade, mas é japoneza. Sim, senhor! Um brasileiro casado com uma japoneza! Vão quietos, porejando satisfacção. Na face de ambos lê-se o bem estar. Entretanto, não trocam uma palavra. Certamente não se entendem. Será por isso que parecem tão felizes?

Uma perna, uma linda perna que tem movimentos de cobra, uma perna que fala, que chama, que é capaz de levar a gente para o inferno, uma perna terminada por um pé pequeno, nervoso, que é assignatura de um temperamento hysterico solicita improvisamente a minha attenção. Olho a dona da perna, que é digna daquelle primor. Ella gostou da minha perturbada admiração, do meu maravilhado enthusiasmo, que se trahiram no fulgor dos meus olhos chispantes e sorriu agradecida. Começou um flirt. Ella falava com a perna, eu falava com os olhos. Como nos entendiamos bem! Melhor que o brasileiro casado com a japoneza! Mas um sujeito, pouco distante, sentado com a mulher, que dormia nos comprehendeu. E, despeitado, não gostou do nosso flirt, que cada vez era mais franco. As faulas dos olhos e os colleios da perna como que offendiam á sua mulher, que estava dormindo. Percebi claramente isto na sua cara de Catão amargo. A nossa falta de respeito era grande, caramba! e o sujeito não parecia disposto a tolerá-la por mais tempo. De repente, porém, não sei porque, se por fastio ou por malicia, mas obedecendo em todo o caso a um impulso muito logico e natural na mulher, a dona da perna vira o flirt com o camarada irritado. E foi como agua na fervura. O sujeito, perto da sua mulher, começou então a sorrir para a minha deidade, a sorrir mesmo para mim (que desaforo!). E eu fiquei olhando, e considerando a virtude dos moralistas... Ali estava o que elles eram... O homem banca o moralista quando não póde ser pirata...

Um barulho de ferragens, uma confusão de vagões que passam, céleres, machinas chiando, pedaços de cidade entrevistos num clarão. E' S. Paulo! S. Paulo!.

Alvaro Serra

Canção da minha felicidade perdida

Uma tarde, tu me deixaste...

Cahia por sobre a natureza o manto arroxeado do soffrimento.

Tentei ainda pronunciar o teu nome. Mas o éco das minhas palavras tristes perdeu-se ameu lado, – meu mdupallido lirio de carne.

E tu partiste para o silencio dos marmores melancolicos, ficando nos meus olhos cançados – minha flôr de outomno – a névoa duma saúdade eterna...

Serei um nómade desnorteado de rumo, haurindo no deserto da vida o fogo do desespero e a tortura do abandono...

Nunca mais meus olhos doloridos hão de sorrir para as alegrias do mundo

Trarei dentro d'alma a côr da Semana Santa. O symbolo da desventura. Lagrimas a flux...

No meu coração haverá a côr das noites sem estrellas. A tortura da treva que não tem fim. O silencio da infelicidade...

O meu olhar não saberá distinguir a poesia dos poentes á distancia. A curva maravilhosamente rubra do oceano. As

alvoradas vermelhas do astro radioso. Porque elle será um eterno poente de sangue em delirio.

Fitando o espaço, terei a sensação de ver o colorido de teu antigo olhar reflectido com maior intensidade. E essa côr que tanto me desvairava, será agora o lenitivo da minha desventura, e eu serei um ebrio em busca do vinho azul do céu, e eu serei um naufrago a olhar o firmamento...

Viverá commigo o desespero de tudo que termina. Uma arvore que fenece, folhas amareladas esparsas ao vento crepuscular da juventude...

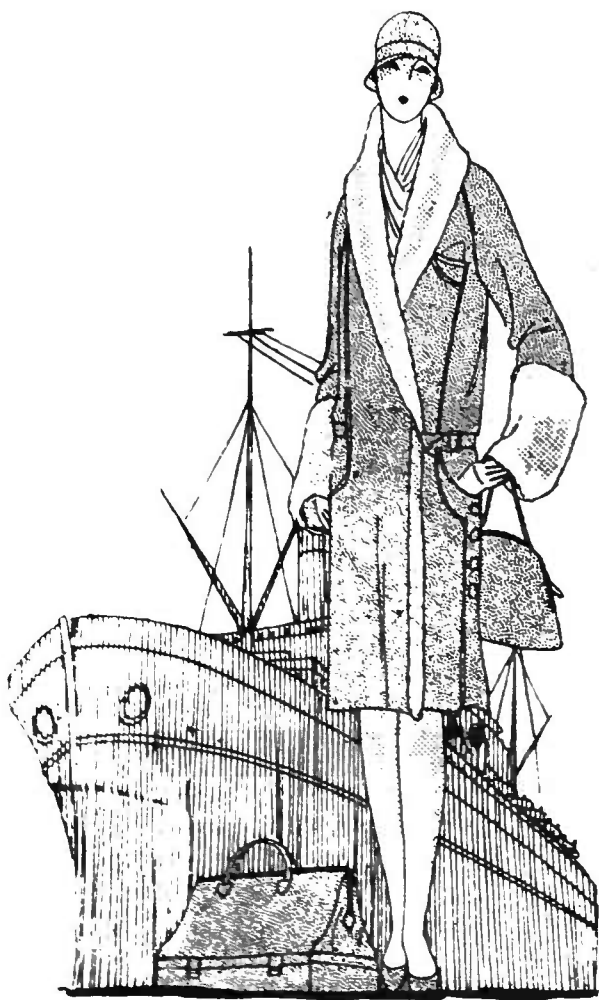
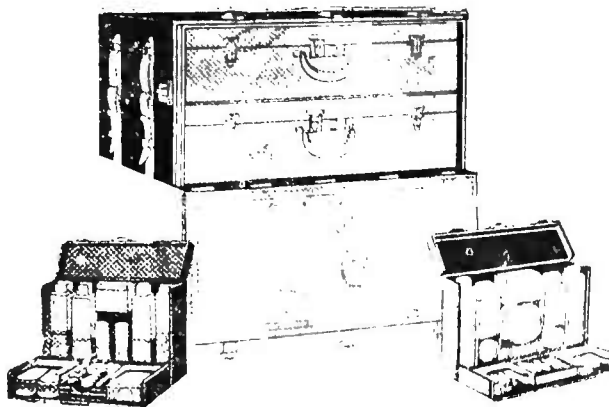
Sem brilho hão de tornar-se as esmeraldas da minha canção de amôr que me consolava de ser feliz...

E o teu rosto pallido – uma restea esguia de luar – para sempre ficará nos meus olhos húmidos, e será – meu perfume embriagante – a canção da minha felicidade perdida...

LUIZ ERBON

ELEGANCIAS FEMININAS

Verdade das verdades, a idea ascenou hoje, hoje de manhã quando tomava café e olhava os cabellos brancos do meu velho creado Antonio. manhã de sol e de frio. Longe para alem do Jardim America, um ar de saude no céo e na terra. Eu me puz então a *sentir* o deserto que é a minha casa, sem cães, sem gatos sem mulher, sem creanças. Antonio abria minhas cartas.

"Você não acha, Antonio, que isto aqui está muito deserto e que faz mais frio nesta casa que

na nossa velha amiga Vevey, na nossa querida Suissa?" Antonio concordou. Continuei. "Estamos ficando velhos, os olhos têm saudades de nosso sangue andejo, adormecido ha quatro annos, está pedindo movimento, terras de longe, outras phisionomias, outros céos. "Vamos embora Antonio. Amanhã sahe um "conte" ou um "cap" qualquer de Santos. Vamos com elle" Antonio concordou. As malas estão promptas, os passaportes em regra e as passagens compradas.

Eu fico olhando o meu amigo mau e já me surprehendo a ter, *par avance* saudades delle.

— E quando volta?

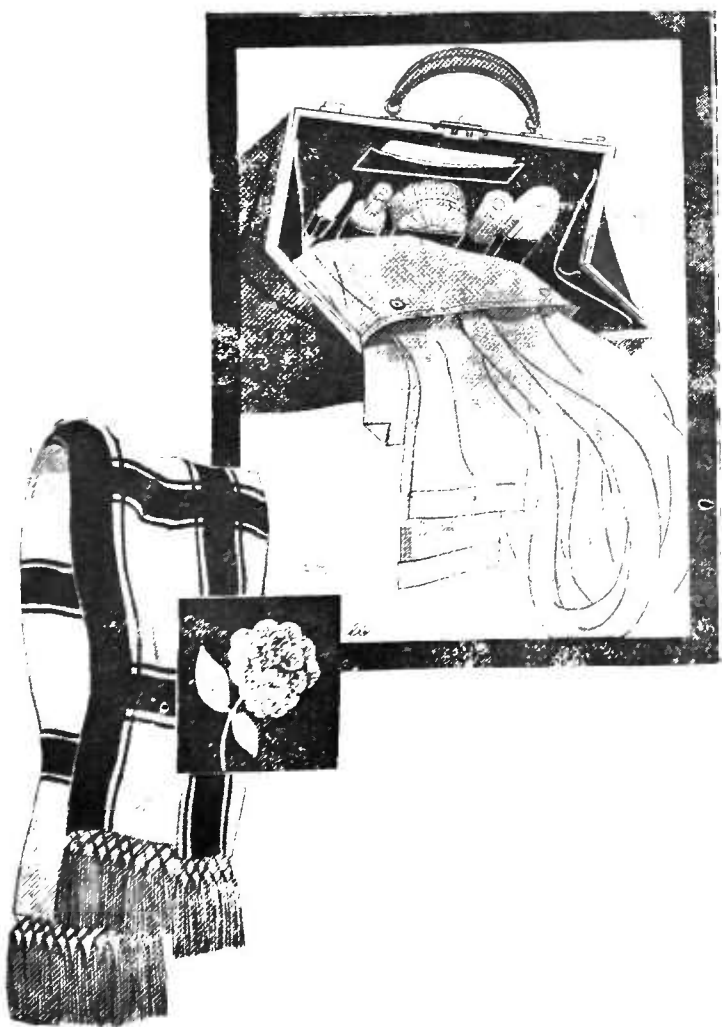
— A gente nunca sabe quando volta, minha amiga. Eu sou uma creatura, sem raizes, sem amores, sem paixões de patria. Vou andando com a vida, com os trens, as estradas, os navios.

Quando estiver cansado de andar, pararei onde sentir cansaço e descansarei. Um dia a morte, vira, eu o sei. Não lhe oporei resistencias. Como um personagem de um escriptor meu amigo eu "tive da vida tudo o que os meus braços e minha fortuna alcançaram" Partirei, pois, sem queixas e com uma vaga crença que o outro mundo é um mundo divertido tambem.

— Porque você não confessa que todos os

actos de sua vida *tendem* para o ideal de esquecer "alguem"?

— Não podia confessar uma cousa que não existe. O seu "alguem" anda dentro de mim, é minha companheira de vida ou de viagem. "Mora com os meus mortos bem dentro do meu coração" e é, talvez, a mais linda cousa que achei neste mundo. Não pude ter o amor, o corpo e a alma desse "alguem" Contentei-me com a sombra desse amor, desse corpo e dessa alma. Contentei-me sou feliz, acredito que não perdi na troca. Ha creaturas mais exigentes.

Exgotta o seu copo de wisky, renóva a dóse e conta-me, com sua voz grave, onde móra sempre uma estranha tonalidade de um velho ressentimento, lembranças de terras por onde andou, de creaturas que conheceu, de mulheres que deram um pouco "de sombra e de sol á sua alma inquieta de cigana"

Um *klaxon* na rua, chama.

— Hora de partir para Santos. O navio sahe ao amanhecer. Espero embarcar ainda hoje. Não gosto de madrugar

Partiu. O seu copo ficou quasi cheio. O seu cigarro alli está esquecido e acesso fazer arabescos de fumaça. Voltará algum dia?

Meu amigo mau tem razão, com o inverno humido e desagradavel de São Paulo, só nos resta fazermos nossas malas, em busca de lugares mais aprasiveis. Quer seja a viagem em trens de luxo ou automovel, não devemos nos esquecer de nos munir de malas e valises modernas, que realisam o maximo do conforto e da commodidade. Nas de Vuitton encontramos todos estes predicados.

Nos clichés que illustram esta chronica, encontraremos alguns manteaux proprios para viagens, praticos e de elegante linha. Devemos, nos manteaux de viagem procurar sempre a simplicidade. De tecido liso, forrados de escosses, ou vice-versa, são de um effeito sobrio e chic.

Enfim, cercadas do conforto, do chic e da elegancia que nos proporciona a industria moderna, sentimos redobrados os encantos e o praser das nossas viagens.

MARILU'

ELEGANCIAS MASCULINAS

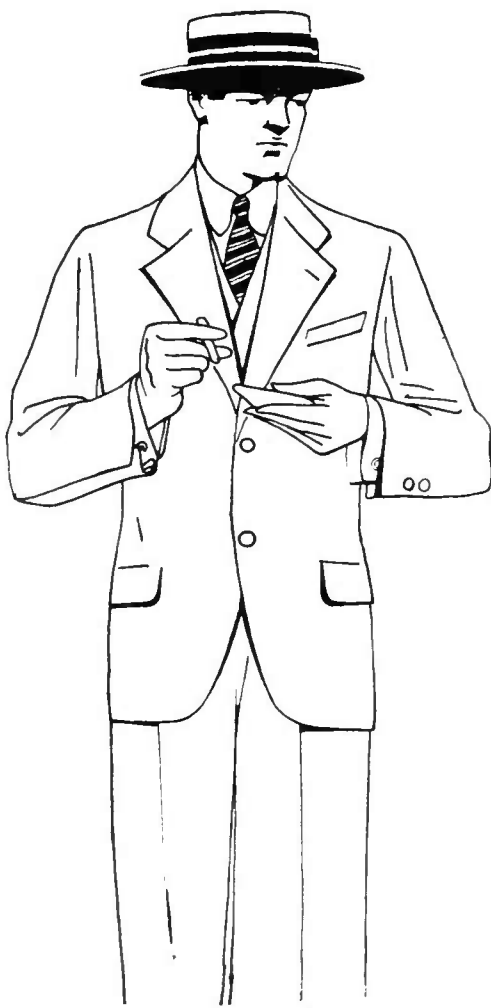
Illustrações de J. G. VILLIN

DOS PERFUMES — UMA SABIA COMPOSIÇÃO — DOIS NOVOS MODELOS DE TRAJE QUE "ARLEQUIM" APRESENTA

O inverno está ahi. E com elle chega o tempo proprio e especial dos perfumes.

Tratemos delles, pois. Digamos, antes de mais nada que se trata do mais delicado, talvez, de todos os problemas da indumentaria masculina. Cumpre ter rigorosissimo criterio no usal-os, tanto em qualidade como em quantidade

Os abusos têm sido tantos, que muitos elegantes de grande linha condemnam, o emprego de perfumes. E o de anneis, tambem.

Ha meios e modos, entretanto, para agradar, sem ferir, a olfactiva propria e alheia. Escolham-se perfumes seccos e subtis, simples, tambem. Nada destas sabias complicações de ultima moda. Nem, tão pouco, de variações frequentes e bruscas. Adopte-se um só perfume para toda a vida, si possivel, como sempre se conserva o mesmo talhe de lettra, como se mantém, ainda, o mesmo conjuncto de gestos

MODELO A

e até de expressões. Ha nisto, realmente, um reforço da personalidade

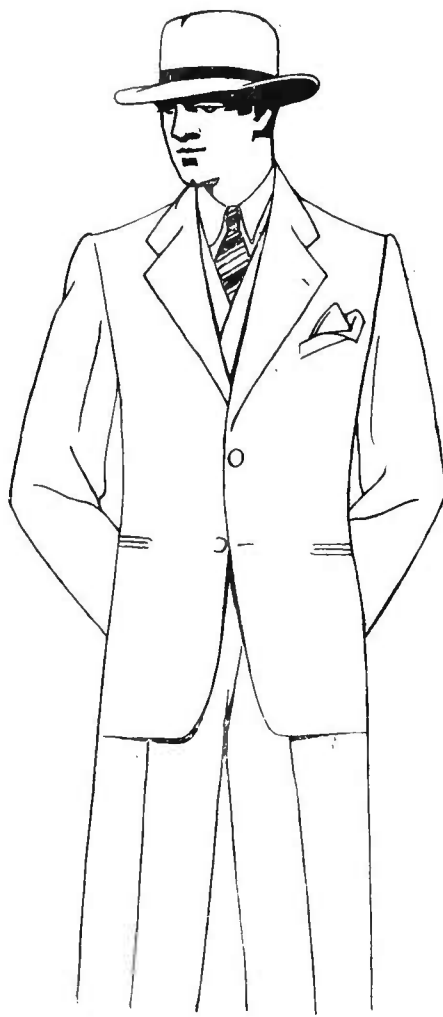
Mas que perfume escolher? Para os menos exigentes basta correr a lista dos que já se tornaram classicos: Rosa Branca (a "Wite Rose", dos inglezes), Couro da Russia. Agua de Colonia (dos fabricantes Atkinson, Erasmic, Jean-Marie Farina e outros de alta classe) e outros nesse typo, isto é, sempre "seccos", sem dar a impressão de "pesados", de "grossos" ou de "doces"

Cheiros essencialmente masculinos são o de fumo e o de chá. Combinado qualquer delles com o de sandalo, a essencia das grandes volupias, pode-se conseguir um verdadeiro "odor sui generis" E' o que fazia, por exemplo, um meu amigo que a grippe levou. Punha nas mãos, ao sahir, um pouco de sandalo de origem ingleza (o unico que não é adulterado e que cheira "secco"). E logo de-

pois as esfregava, longamente amorosamente, em fumo Maryland ou Virginia, para a seguir esfregal-as ainda, em chá verde, de fina marca.

A composição era optima. E pode tornar-se differente, talvez melhor, si em vez do Maryland ou do Virginia se usa fumo goyano, deste que se encontra em grossos rolos.

De qualquer modo convém evitar nos perfumes a suggestão do alcool, tão frequente e desagradavel nas loções, das quaes a mais toleravel é o "Bay-Rhum", mesmo o que se fabrica em São Paulo e cuja qualidade é bôa.

Ha quem use, tambem, combinando-o com o do fumo o cheiro das folhas de larangeira ou do limoeiro. Para isto, porém, como para todo o resto, cumpre ter gosto segurissimo. Mas quem pode, de facto, pretender tornar-se elegante sem uma alta dose de cultura e de bom gosto?

MODELO B

Illustramos aqui dois typos de paletó-sacco, de estylo differente, no córte. Só têm de eguaes as golas, cortadas com uma certa largueza e cujos entalhes são francamente altos.

Um delles, o marcado "A", tem as abas cortadas em curva bastante franca, servindo melhor para os rapazes de uma certa corpulencia, comquanto nos pareça que os bolsos, com as "pestanas" á mostra e cortados muito embaixo, não correspondam ao agrado geral da linha.

O outro, marcado "B" tem as abas quasi rectas, apenas levemente arredondadas nas pontas. O que dá impressão de certa firmeza na figura, impressão sublinhada pela posição e pelo typo dos bolsos, apenas indicados e postos bastante altos. Note-se, neste figurino, o chapeu de fita estreita, detalhe a que os nossos elegantes não tem dado a devida attenção.

BALLADA VERDE

Calor tropical. Horas paradas,
de tardes genuinamente brasileiras
Lançando-se no espaço, os leques das palmeiras
são bandeiras verdes desfraldadas.

Campos verdes. Grillos verdes a cantar
na cupola verde, gigantesca,
que se estende no ar.
Uma cortina de cipós,
agreste e pitoresca
fecha o scenario
dando nós
de parasitas pelos troncos. No sacrario
da floresta é tudo verde.

Apenas
um pedaço de céu espia num recanto.

De repente, como por encanto,
assustada, prorompendo em gritos,
debanda, num ruflar de penas,
uma verde legião de periquitos.

Oliveira Ribeiro Neto

Marilia Escobar Pires, a querida declamadora paulista que, em companhia de suas alumnas e dos poetas Cleomenes Campos, Julio Cesar da Silva e Frei Francisco da Simplicidade, declamará, hoje, no Palacia Teçayndaba, proporcionando, certamente, ao nosso publico uma deliciosa noite de arte.

COELHO NETTO

Coelho Netto, o "Coeline da phrase" como já bem o definiu certo escriptor patricio, acaba de vencer, significativamente, o concurso para principe dos prosadores nacionaes, ha pouco instituido por um hebdomadario carioca.

Senhor de uma solida e vastissima cultura, e, por isso, mesmo, um dos nossos mais fecundos escriptores, o fino criador de *Romanceiro* bem merece o honroso titulo que lhe vem de ser conferido.

Basta a sua extraordinar a e admiravel actividade literaria para justificar, cabalmente, a affirmativa.

Autor de não sei quantas obras, que formam uma importante bagagem, dellas se destacando *O Morto*, *Sertão*, *Conquista*, *Inverno em flôr* e outras tantas, Coelho Netto é mesmo, não ha duvida, um dos nossos mais laboriosos e brilhantes escriptores.

Alem de estar, amiudadamente, a publicar livros e mais livros, o magistral romancista de *Rei Negro* ainda escreve, sempre e sempre, para quase todos os jornaes cariocas, estendendo tambem a sua assombrosa operosidade pelo estrangeiro em fóra.

Neste seu enorme amontoado de obras, que leva muita gente a julgal-o como atacado de *hemorrhagia literaria*, cousa até bem ambicionada por todo mundo; neste seu enorme amontoado de obras, dizia eu, se nos depara, com toda vitalidade, o escriptor puro, bizarro, cuidadoso, que muito se esmera pela correcção de linguagem, justeza de expressões e finura de estilo. Sobre elle, referindo-se a esta parte, já bem o disse o sr. Raul Azevedo: "Os seus periodos são joeirados com a paixão do artista de raça, do escriptor térso, do estylista primoroso que sabe empregar a palavra technica, ajustal-a, polindo-a, num trabalho paciente de mestre, de burilador da linguagem".

E' mesmo assim, positivamente, o autor de *Banzo*.

Prosador enleiante, duma riqueza de vocabulario admiravel, amigo inseparavel dos adjectivos, o que enraivece a muita gente, Coelho Netto, cuja organisação literaria é a mais perfeita e complexa possivel, esplende tanto no romance, como no conto, como na chronica, como em qualquer outro dominio da literatura, sabendo bem pintar, em cambiantes e vivas côres, o ambiente que descreve, e dando ainda vida precisa ás suas personagens. E, sobre dar-lhes vida, joga tambem com ellas com a mesma facilidade com que o *menino impossivel* do irrequieto Jorge de Lima, que está fazendo revolução literaria aqui pelo nordeste, quebra os brinquedos estrangeiros.

Imaginoso, subtil, humorista, observador, tudo isso enriquecido pela sua espontaneidade de linguagem, o autor de *Sertão* tambem é uma das figuras mais bem definidas da Academia Brasileira de Letras, á qual tem dado o melhor dos seus esforços.

Assim, trabalha incessantemente, irradiando a sua formidavel capacidade mental por toda parte. Já nos tendo dado, demasiadamente, o fructo, as mais das vezes saborosissimo, do seu formoso espirito, alcançando a cada dia victorias e mais victorias literarias, Coelho Netto não se detem e trabalha sem cessar, recusando descançar sobre os loiros dos seus grandes e innumeros triumphos.

Deste modo, foi justa e muito justa a sua escolha para principe dos prosadores nacionaes, attentando-se bem nestes seus raros e preciosos meritos.

E daqui, deste recanto do nordeste, lhe envio as minhas felicitações por mais esta victoria, victoria que muito ha de contribuir para a formação dos alicerces da sua immortalidade.

ARNON DE MELLO

Um Pae anti-diluviano

"Mas, quando appareceu o monstro, não tiveste um movimento de fuga. não demonstraste, ao menos, um pouco de receio?

— Eu? Dei um pulinho.

— Para o outro lado do muro?

— Nada de exaggeros. Reconheço que não lograria nunca mais, reproduzir o pulinho. Mas affirmo que elle só attingiu a distancia estrictamente requerida pelo meu instincto de conservação.

— Foi por isso mesmo que julguei, tendo em vista que o muro não era muito alto..

— Laboraste em erro. Minha dignidade ficaria mortalmente ferida pelo tamanho do salto que imaginas. Era mister enfrentar a colera do inimigo, para provar á minha amada o que é a intrepidez do um coração verdadeiramente amante. Sem contar que, se eu me retirasse, elle poderia, furioso como estava, atirar-me pelas costas e isto complicaria extraordinariamente a situação della, envolvendo o seu nome em um escandalo. Era melhor tentar acalmal-o.

— Tua coragem e o teu sangue-frio saltam aos olhos. Mas, que disse elle?

— Elle disse: "Até a estas horas na rua, Julieta!?" Depois, virou-se para mim: "Que faz ahi, cão?!"

— Foi muito mais delicado para com a Julieta.

— Decerto! Pois, se não me conhecia!? Ainda assim, creio, que, se deixou de aborrecel-a mais, foi unicamente em attenção á minha presença.

— Vê-se logo que tinhas absorvido toda a sua attenção disponivel. Que lhe respondeste?

— Ah! Procurei informal-o da pureza das minhas intenções. Quiz mostrar-lhe os meus versos que a demonstrariam cabalmente. Só se viam ali figuras inspiradas por flores como o lyrio, a açucena, a violeta e outras symbolisadoras de idéas extremamente castas.

— Não me digas que elle não adoçou!

— Digo-o. Accrescento até que ficou mais enraivecido. Chamou-me nomes. Ameaçou-me cruelmente e prometteu-me tremendos castigos.

— Mas não cumpriu a promessa...

— Não a cumpriu, supponho, devido ao facto de se ter enroscado a minha amada em seu pescoço, impedindo-lhe todos os movimentos.

— Que scena suave!

— Não poude aprecial-a devidamente. Verificando que meu aggressor não podia mexer-se, dispuz-me a caminhar em passo algo rapido em direcção á proxima esquina. Parecia provisoriamente afastado o perigo de ser atirado em marcha. O nome della estaria a salvo do intromettimento da imprensa.

—Taes considerações, em tal circunstancia, demonstram a immensidade do teu amor.

— Pois bem. O projecto e a realisação seriam simultaneos, se entre ambos não se interpuzessem os fados, permittindo que Julieta não resistisse ao empurrão que lhe deu meu desagradavel interlocutor e fosse quedar graciosamente em uma moita, a seis passos de distancia.

— Irra!

— Fiquei pregado ao solo. Só havia uma esperança. Julieta levantara-se e intercedeu de novo. Conseguiria segural-o novamente? Que momento angustioso!

— Afinal, conseguiu ou não?

— Foi quando ia conseguindo, que elle começou a puxar um rewolver.

— Puxou um rewolver?!

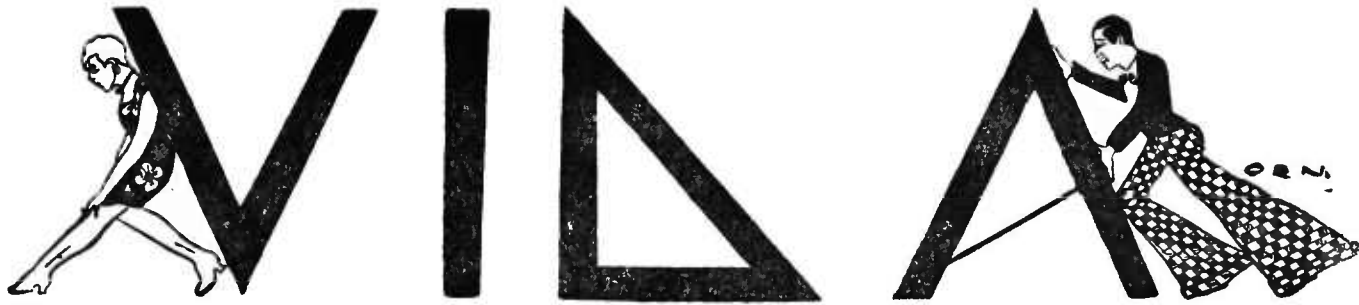
— Nem sei bem. Por uma interessante coincidencia, lembrei-me de que nesse mesmo instante era imprescindivel a minha presença a muitos kilometros d'ali. Foi por isso que fiz logo uso de toda a velocidade de que sou capaz, ignorando em consequencia se elle chegou a tiral-o completamente e, até, se aquillo era de facto um rewolver e não uma espingarda.

— Emfim, o importante é que está salvo, a despeito de tua bravura.

— Vou explicar-te, agora, porque rapei aquelle bigode que, segundo dizias, me tornava inconfundivel.

— Não é preciso. Comprehendo-se bem que o que desejas actualmente, é estabelecer a teu respeito a maior confusão possivel.

Fabio de Souza Queiroz

VIDA

Festa de Carnaval.

Reco-recos gritando assustados.

M.lle, melindrosa perfeita, deixára a ventarola sobre uma cadeira. Fôra dansar. Na volta encontrára no leque, estas linhas escriptas :

— Tenho bailando nos meus olhos
o brilho e a côr dos teus ;
a tua fala como si
fosse congelada em meus
ouvidos ; a tua alma nos refolhos
de minha alma ; o teu sonho transformado
no meu ; o teu cheiro impregnado
no meu corpo ; a tua vida
perpetuamente unida
á minha vida...

M.lle atirou fóra o leque, desdenhosamente.

O rapaz que a olhava de longe, que não estava fantaziado, mas tinha a alma de verdadeiro Pierrot, comprehendeu que Colombina existia... E o jazz soltou uma gargalhada arlequinal...

M.me, uma das nossa maiores elegantes, entra no salão quasi repleto duma confeitaria chic. Todos os olhos a acompanham quando passa. Chovem as criticas.

— M.me está cada vez mais moça e mais bonita – observam os homens. E as mulheres, não sei si pensam, mas dizem : — Que decadencia... E' a velhice que chega...

Mas todos estão de accordo em que o véo transparente que lhe cae da aba do pequeno feltro sobre os olhos, lhe vae ás mil maravilhas : — os homens achando que os seus olhos claros ficam realçados ; — as mulheres que o véo lhe esconde as primeiras rugas. Então, numa roda de senhores mais ou menos respeitaveis, alguem que se interessa pelas chronicas antigas, conta cousas interessantes sobre o véo.

— E' velho este habito das mulheres taparem a face. Em tempos relativamente não muito remotos, em fins do

seculo XVIII, aqui mesmo em S. Paulo, as nossas patricias, não podendo esconder elegantemente parte do rosto nos pequeninos loups de velludo negro tão em moda nas côrtes da Europa pois o uso das mascaras era prohibido em nossa terra, embrulhavam-se em longas capas de baeta escura e desabavam sobre os olhos as abas dos grandes chapéus, a ponto de se tornarem todas iguaes quando sahiam á rua. Mas os homens é que eram prejudicados com isso, porque não podiam ver as faces morenas e lindas das mulheres paulistas. E o governador prohibiu o uso dessas capas, mandando, segundo um chronista, que as mulheres usassem o rosto descoberto até á nascente do colo... Foi àhi que surgiram as mantilhas de rendas. armadas em grandes pentes de marfim e tartaruga, encrustados de oiro, e prezas ás cabelleiras encaracoladas com rosas e broches, como usam as sevilhanas.

Mas a moda fez com que as mantilhas se alongassem, as rendas engrossassem, e as mulheres mais uma vez ficassem embuçadas. Factos interessantes aconteceram então em S. Paulo. 1867. Começava o recrutamento para a guerra do Paraguay. Alguns moços que não queriam partir trancaram-se em casa. Mas chegaram as novenas do Carmo. veio a Semana Santa, e a vontade de se divertirem os fez sahir á rua. Não traziam as roupas communs. Vestindo saias de seda preta servia-lhes de disfarce a mantilha. Os encarregados do recrutamento foram avisados. Sahiram-lhes ao encalço mas o disfarce era perfeito. E quantas mulheres de modos masculos foram confundidas, graças á mantilha, com os moços poltrões, e como taes perseguidas...

Vieram depois os véos transparentes, cobrindo o rosto inteiro...

— Mas que mania será essa de usar veo ?

— Ora, o véo embelleza ! As orientaes, por exemplo, foram obrigadas a trazer o rosto e a cabeça envoltos em gazes longas, desde que o propheta Mahomet se apaixonou pela mulher de um de seus discipulos, por lhe ter visto os contornos do pescoço... Então o Mestre mandou que as mulheres cobrissem a cara, preservando os homens da tentação. A principio, com certeza, ellas relutaram. Mas viram depois que toda pele parece mais branca ; os olhos mais humidos e expressivos, as narinas mais delicadas, quando encobertos nas meias tinta de uma gaze...

E o véo entrou definitivamente, como cumplice da mulher na tentação dos homens...

PEDRO ANTONIO

VAGALUMES

Os vagalumes, segundo eu cria,
eram estrellas vindas lá do céu,
para de noite, claras como o dia,
tontas de perfumes,
vagar ao léo.

Dizem que nos campos,
o "João de Barro". aquelle passarinho
esperto, prende em sua casa os pyrilampos
Gosta de ver illuminado o ninho...

Eu não acreditava mas um dia
eu vi teus verdes olhos, como lumes.
E hoje eu creio naquillo que não cria ;
— pois além das casinholas
de barro, eu conheço outras gaiolas
onde foi preza uma porção de vagalumes...

Os labios mentem,
os olhos não.

Manhã d'Outomno, radiosa de sol.

Ha nos ramos flôres entreabertas, e, no ar, vôos de borboletas.

Os ultimos jasmins embranquecem e perfumam o terraço do bangaló de venezianas verdes, onde Berenice costuma estar, todas as manhãs e todas as tardes, a lêr algum poeta, ou scismando, o olhar perdido na amplidão azul...

O relogio carrilhão da sala de jantar, cantava nove e tres quartos, quando entrei o portão gradeado do jardim.

A areia branca que fórra as aléas, crepitando sob meus passos, annunciou-me...

Berenice voltou-se para mim, com um sorriso pleno de seducções e accentuar-lhe as covinhas das faces rosadas:

— Já sabia que era você. – fallou.

— Foi o coração quem lh'o disse?..

— Não... foi o crepitar da areia.

— Másinha!.. Porque não mentiu? Ao menos para me alegrar?

— Para quê?... Sabia que era inutil; quasi nunca você crê no que lhe digo.

..E' mesmo assim: não confio muito no que dizem os labios femininos – elles mentem tanto!...

Só o olhar é que não mente...

E são tão claros, tão sinceros os olhos de Berenice.

..olhos esmeraldinos, que me dizem tanta ternura.

Mucio de Castro Serra

* * *

REVUE DE L'AMERIQUE LATINE

Todos os intellectuaes brasileiros deveriam assignar e collaborar nessa revista de diffusão da cultura da America Latina, na França, como fazem os intellectuaes dos demais paizes Sul e Centro-Americanos.

A Revista já conta 7 annos de existencia e tem á sua direcção os escriptores Ernest Martinenche e Charels Lesca e como collaboradores um grupo de literatos que conhecem a literatura portugueza e hespanhola, entre os quaes: Manoel Galvisto, Francis de Mirmandol, Jean Cassou, G. le Gentis, Philleas Lebesgue, Georges Pillement, Robert Ricard, Raymond Rorge, René Richard, Angel Marvand, Max Daireaux Jean Durian, C. Fournier, A. Folgairolle, etc.

Preço da assignatura annual:

$2.60

ou sejam 22$000.

O SAPO E A COBRA

Carnaval. Terça-feira-gorda. Alegria.

Fui espairecer um pouco na Avenida. A pé, naturalmente. Corso e *footing* animadissimos. Quantidade enorme de gente. Fileiras intermínaveis de automoveis. Serpentinas. Gritos. Folia.

Passavam, aos magotes, meninas meneando o corpo, provocantes. Passavam. E eu... não, eu resolvêra tornar-me impenetravel.

Mas, triste destino das nossas resoluções. Quanto melhores, tanto menos praticaveis.

Uns olhos pretos. Uma cabelleira preta. Um rosto muito branco, um lindo rosto oval, e uma bocca ! e uns labios !... Santo Deus, que labios !... Ella, ella afinal, a que eu julgava apenas existir em sonhos, passou por mim. E os meus olhos não desfitaram as duas pupillas negras e profundas, que falavam de caricias nunca imaginadas. Incapaz de resistir, fui-me chegando insensivelmente, inconscientemente, automato, fascinado...

O sapo e a cobra.

E a cobra era a de sempre, irresistivel. E o sapo, o mesmo sapo de todas as vezes.

Essa, a minha conquista. O meu presente de carnaval.

* * *

Quarta-feira-de-cinzas. Tristeza. Silencio.

Passei á noitinha pela casa della. Esperava-me na porta. Conversá-mos. E o tempo me pareceu tão curto, de adoravel que foi. Ella, pondo dentro dos meus as scintillações dos grandes olhos negros, e offerecendo-me, a rir, uns labios que eu não beijei.

Deixei-a entre alegre e triste, ruminando um modo de convidal-a para sahir commigo, em passeio de automovel ou a pé, de accôrdo com o gosto della. O meu desejo era de não mais conversarmos na porta da casa. Sahirmos os dois sozinhos, bem entendido, era o essencial. A especie de passeio, ella que escolhesse. Tambem, alguma cousa eu devia conceder-lhe.

Mas, justamente porque a isso eu me resolvêra, não achava meios de o fazer. Todas as vezes, quando conversavamos, uma circumstancia qualquer impedia-me de propor-lhe o convite. Ou era a mãe que estava para chegar, ou o primo que por ali andava, ou algum assumpto que immensamente lhe prendia a attenção, não me atrevendo eu a interrompe-la, o certo era que eu não achava geito de fazer-lhe o convite.

Uma das vezes em que parecia estupenda a occasião de arrisca-lo, timidamente, porque eu o considerava surto grande demais para os meus primeiros arrojos donjuanescos, deu ella de preoccupar-se com o luto que eu trazia no braço e no chapéu.

— Porque esse fumo ?

E lá tive eu de contar toda a historia de um tio solteirão que eu ha pouco perdêra e me instituira herdeiro universal. Tio que me queria muito, rabujento, exquisitão, tio isto, tio aquillo, que fez, que aconteceu, tudo, tudo expliquei.

E o meu convite, adeus. Ficaria talvez para as calendas gregas.

Uma noite afinal, noite agradavel, com estrellas, lua, e tudo o mais que costuma aformosear céo e terra, sahimos. A pé, comprehende-se. O automovel ficava para outras e, si possivel, melhores opportunidades.

Era cedo ainda.

— Dariamos uma volta pequena disse num muchocho que me tirou a vontade de contesta-la.

Enfiámo-nos pela travessa mais proxima. Arrisquei perguntar-lhe se não achava aborrecido aquillode conversar mos andando. A mim, francamente aborrecia.

Delicioso é conversar, parados em frente um do outro, as mãos unidas, os olhos fitos nos olhos, as boccas roçando-se quasi... eu disse commigo mesmo, não me atrevendo a faze-lo em voz alta, ou pelos menos intelligivel. Ou melhor, disse-o com os olhos, que, se meus labios não falaram, o meu olhar falou. Falou tudo isso, e ainda mais talvez, na linguagem muda que só elle sabe.

O nosso olhar ! A linguagem muda dos olhares !

Muda ? Sim, não ha duvida.Eu, porem, juntaria um outro qualificativo : impudica. Não que eu tenha por ella especial sympathia, mas porque realmente é impudica a linguagem muda dos olhares.

Elles fazem o officio de batedores, explorando o caminho. Vão á frente, saber se não ha perigo. Prescrutam, indagam com uma audacia de desavergonhados. Após investigarem longamente, então sim, os labios sabem da mudez a que os obrigára o temor, o respeito, ou o que quer que fosse.

Tudo depende dos olhares que perguntam — mudamente, mas perguntam — cousas que se não escrevem, não por impossiveis, senão por improprias de serem escriptas.

São assim, quando fitam os do outro sexo, uns despudonorados.

Verdade é que não levam a melhor toda a vez. Mas isto, apenas em casos de "raras e honrosas excepções."

Os meus deram de perguntar uma porção dessas cousas escabrosas, e os della, parece, responderam consentindo, porque dahi a pouco, junto de uma arvore, cuja sombra muito escura a lua projectava na calçada, paravamos nós dois.

E das mãos della soltaram-se as minhas mãos. E os meus braços que tremiam, sacrilegos, enlaçaram-lhe a cinturinha delicada e fragil. E uns olhos ergueram-se supplices a mim. E uns labios entreabriram-se senzualizadores... e um busto pendeu fremente nos meus hombros... Não, não continúo. Se alguem já provou disto, que recorde. Se não provou, imagine.

* * *

Um vulto de mulher dirigia-se a nós

— Mamãe ! disse ella a encolher-se de medo. Que havemos de fazer ?

— Que fazer ? Esperar. E não podia ser de outra forma. Felizmente já conversavamos na mais recatada das maneiras, e quem se approximasse, de modo algum poderia suppôr o que se passára.

Descobri-me respeitoso.

— Minha filha ! Como é isso, você conversando com este senhor, assim, de noite, longe de casa ?

— Não é mamãe. Eu vinha passando e, por acaso...

— Cale-se. O senhor desculpe, mas tenho de portar-me deste modo. Esta menina, que não sabe da malicia do mundo, e possúe um coração de ouro julgando todos por si, não comprehende que outras pessoas, vendo-a numa occasião destas, hão de ir por ahi, falando cousas e mais cousas da pobrezinha.

— Realmente, minha senhóra, as más linguas... observei, recuperando a calma.

— Pois é, ella não comprehende. O senhor, distincto rapaz, pelo que vejo, ha de dar-me razão por te-los vindo interromper. Sou mãe, e preciso zelar pelo bom nome de minha filha. Não que a prohiba de conversar com rapazes, mas vá conversar em casa e não na rua. Tenho mesmo prazer em conhece-lo. Sei que não lhe cabe culpa. E' rapaz. Contudo, para minha filha, para uma menina, isto não fica bem, e, mãe que sou, não posso consentir em similhante

cousa. E você, menina, se quizer conversar, com elle, convide-o para apparecer em nossa casa, onde será muito bemvindo.

E desandou por ahi afóra. Eu ouvia, aparteando algumas vezes, que eu não queria fazer-me de desconcertado.

Até que, chamando a filha, a mãe se retirou, convidando-me ainda para chegar até a casa dellas.

Desculpei-me. Tinha um compromisso para dali a pouco.

— Appareça amanhã. Lá pelas 8 horas da noite. Teremos muita satisfacção.

Accedi. Que mais havia eu de fazer!

Despedi-me.

E o ligeiro aperto de mão, e os olhos negros que me fitavam insistentes, diziam-me que não faltasse.

* * *

No dia seguinte, 8 horas da noite, lá estava eu cumprindo o promettido. Queria ver no que dava tudo aquillo. E depois, a pequena era linda. Valia arriscar-me.

Receberam-me na sala de visitas. Ella sentou-se ao meu lado, no sofá, e a mãe, que se refastelára á nossa frente, muito ao contrario do que eu esperava, captivou-me logo de principio. De tal maneira se mostrou amavel e attenciosa, que eu fui deixando-me ficar, esquecido de vez das horas que corriam.

E mesmo, já estava achando deliciosa a minha visita, quando chegaram outras pessoas. Dois primos. E mais alguem entrava. Um tio.

— Oh! os meus parceiros que afinal vieram! falou a dona da casa na mais indizivel satisfacção. O senhor, dirigindo-se a mim, não aprecia tambem um joguinho de cartas?

Ia dizer-lhe que preferia o xadrez. Por pouco que o não disse.

— Muito, minha senhora. Muitissimo, respondi com o meu melhor sorriso

A pequena, tomando-me das mãos, explicou-me.

— E' que a mamãe gosta immenso de jogar. E' um divertimento esplendido não acha? Novamente occorreu-me que o xadrez seria melhor, mais elegante, menos ariscado c

— Certamente, con ordei.

— Então você tambem joga? Vamos todos lá para dentro.

E chegando os labios quasi no meu ouvido — eu não jogo, disse-me. Gosto apenas de vêr. Vou sentar-me junto de você, para dar sorte.

E foi justamente o contrario. A sorte virou de tal maneira, que a mim, e a mim unicamente, o *divertimento* sahiu bem mais caro, muito mais caro do que eu pensava.

Mas ella lá estava ao meu lado para encorajar-me. Antes o não fizesse. São muito perigosas as coragens que a mulher inspira.

Sahi afinal. E apezar do dinheiro que deixára, não sahi triste. "Infeliz no jogo"... pensava eu, consolando-me.

Como com pouco se consola o coração humano! O meu, pelo menos, consolei-o exclusivamente com essas palavras.

Não me arrependera senão, talvez, momentaneamente, porque dahi a uns dois ou tres dias, estava eu de volta.

Tudo se repetiu de egual maneira. O mesmo jogo e o mesmo fim. Mas aquelle proverbio e os olhos della enchiam-me de coragem, da coragem fatidica, á qual eu, hoje, prefiro o medo e mesmo a covardia.

Pouco porem se me dava perder o dinheiro, contanto que a pequena se rendesse a mim. E porque preoccupar-me com ninharias. A fortuna que meu tio deixára sobejava para taes loucuras.

Voltei outra vezes. Tornei-me assiduo frequentador da casa, onde me recebiam na maior alegria, e me tratavam com enorme consideração.

E sempre jogavamos. E eu perdia sempre.

* * *

Uma noite dirigia-me para lá, quando encontrei o Arthur, o meu amigo Arthur. Rapaz alto, elegante, maneiroso e dizem que bonito. Não sei. Sei apenas que o Arthur é um grande e irresistivel conquistador.

Decidi-me a pedir-lhe conselhos. Ninguem melhor para ouvir-me e esclarecer-me.

Contei-lhe por alto o meu occasional encontro com uma linda pequena cuja mãe, viuva e distinctissima senhora, mais tarde eu conheci por intermedio da propria filha, pequena por quem eu estava devéras apaixonado, tanto que já lhe frequentava a casa, e com muita assiduidade.

O Arthur sorriu quando falei da viuva e distinctissima senhora.

Não dei importancia.

Pediu-me que continuasse.

Falei do jogo de cartas.

— O typo da pequena?

Descrevi.

— Ah! fez o Arthur, como que illuminando-se, já sei, mora em tal rua, numero tanto?

— Justamente, conhece-a?

— Espera lá. No jogo você perde sempre, não perde?

— E', fiz eu resignando-me.

— Bem.

E a mim, que cahia de surpreza em surpreza, o Arthur disse a minha propria historia. O passeio. A mãe que nos apanha em flagrante. A reprehensão na filha. O convite para visita-las. O tio. Os primos. Tudo, tudo.

— E o que significa isso, afinal, perguntei assombrado.

— Quasi nada. Apenas, que você é a victima mais recente daquella rapariga.

— Eu victima? O victima doeu-me. Nunca imaginei que pudesse tornar-me aquillo. Victima! Era boa! Tinha eu por acaso feição de victima?

E zanguei-me.

Accalmando-me, o Arthur me explicou ser aquelle o modo por que mãe e filha faziam as conquistas dellas. Um dos modos, aliás, e o mais frequente. E serviam-se dos primos e do tio, que nem eram tio nem primos, para explorarem as victimas no jogo de cartas.

— Não, por favor, não me chame de victima. Basta o que você já disse, falei acabrunhado.

Afinal, era esse o epilogo da historia.

A cobra e o sapo.

E que sapo estupido, meu Deus!

* * *

— Agora, Arthur, onde é que você vae?

— Vou telephonar á sua pequena, convidando-a para sahir commigo.

— Que pequena?

— Essa que explorou você todo esse tempo.

— O que? como é isso?

— E' que eu tambem já fui victima...

— Não, não diga essa palavra, por favor.

— Bem, é que eu tambem cahi. Exploraram-me a grande. Mas, afinal eu soube tirar o meu partido. Questão de persistencia. Vá persistindo, disse-me elle ao despedir-se. Ou, quem sabe se você vae á casa della ainda esta noite?

— Quem sabe, respondi quasi gritando, porque o Arthur já estava longe.

Renato Soares de Toledo

AVENIDA PAULISTA

Um palacete arrogante, todo vestido de marmore e vitraes. Um gramado colorido com flores, dois "Cadillacs", um "Packard", um "Lincoln" e uma magestosa grade de ferro enfeixando o "paraiso"

Irene puxou-me pelo braço. N'um tom de voz entre doce e meigo: Vem Augusto, tu agora pódes entrar, – e... arrastou-me para uma sala babylonica, dessas salas onde os raios do sól não penetram, para que as janellas abertas não dêm, aos de fóra, a impressão de decadencia, na elevação social do dono da casa.

Eu, que sempre gostei de perfumes a custo accommodei-me áquelle cheiro carregado de cousas abafadas, velharias preciosas, estôfados Persas, cortinas grossas e escuras como habitos monasticos estendidos...

A alta sociedade! Quando começo a pensar no que daria de minha vida para sentir o contacto daquella gente daquelles moveis de ebano que deram explendor ao palacio dos Tzares; sentir o ouro que os enfeitam, comprados a peso de insignificantes sóbras de juros; partilhar daquillo tudo, sentado n'uma aristocratica poltrona, que tambem já era minha; sahir dalli para a cidade, no conforto quente das almofadas incomparaveis de um carro de luxo... O coração batia fortemente de encontro ao peito, como a pedir uma canção berrante; uma gargalhada...

Sentia-me suspenso! Olhava a pequenez do mundo de fóra, como se estivesse a desprezar uma ponta do cigarro! O mundo era meu; a Parnahyba que fosse para as brenhas. Dalli em diante mandaria chover café, a torto e direito, nos outros nortistas, nos cariócas... Bólas para a Parahyba! Viva o café! Viva o Palestra!... e nessas effusões de uma felicidade inesperada, eu me perdia, todo agachado nas dobras macias daquella confortavel poltrona.

Uma forte claridade ferio a penumbra da sala.

O Snr. Augusto? – fallou a respeitavel matrona que acabava de entrar pela porta do lado.

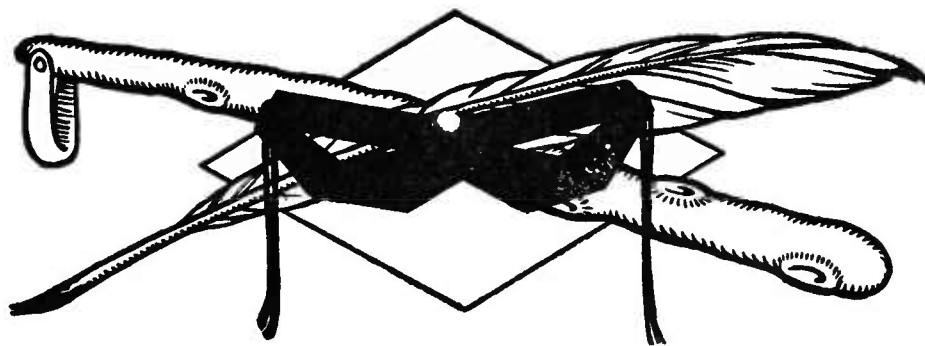
Perfeitamente, minha senhora, respondi-lhe levantando-me e fazendo as mesuras de um genro que aguarda uma forte reprimenda por se ter casado ás pressas, sem o necessario consentimento da familia.

Irene contou-me tudo. De hoje em diante, como marido da minha governante, o Snr. será muito bemvindo a esta casa.

No mesmo dia Augusto escrevia á familia:

"Casei-me com uma filha da Avenida Paulista, rica e bonita. Para obter o consentimento dos paes, fui forçado a abjurar vocês e acceitar rigorosos preceitos estipulados pela minha sogra. Por favor façam conta que morri. Si alguem se atrever a pedir informações minhas á familia da minha mulher, todos, como reza o accordo, estarão firmes em attestar que casei-me com a creada, e que não passo de um réles chauffeur particular.

Minha bôa mãe que me perdoe. Si ella, que bem conhece o amor, presenciasse os encantos da alta sociedade, e soubesse até a que ponto póde chegar a sizudez dos paulistas, comprehenderia o sacrificio a que me impuz".

Braz Glette

25 DE MAIO

Pouco antes de meia noite.

S. Paulo embuçado na capa da neblina pareceria a alma dum poeta de 1830, si os claxons dos carros e o barulho metalico dos bondes, e si a luz dos annuncios que poem letras fulgurantes pisca-piscando no espaço, não viessem mostrar a vida que turbilhona na metropole ainda mesmo á noite.

A esplanada do Municipal cheia de automoveis. Toda uma sociedade elegante e culta, num ruge-ruge de sedas, envolta em amplexos mornos de pelles finas e capas severas, deixa o grande Theatro. Todos estão contentes, sem excepção. Phrazes soltas passam de bocca em bocca. Todo mundo é da mesma opinião.

— Que artista!

— Isso é que é saber cantar!

— Maravilhosa!

— Nunca pensei que ella tivésse esse talento!

— Que voz! Que pose! Sabe entrar no palco, sabe agradecer as palmas! Que graça!..

— A graça feita mulher!

— E muitas palmas!. Numa platéa naturalmente fria como a nossa, quem chega a receber as palmas que ella recebeu, pode ficar certo de que encantou o auditorio.

— Artista de valor! A platéa não fez mais que endossar as criticas dos jornalistas, que curvar-se mais uma vez ainda ao talento é á belleza, como o fizeram os jornaes da Prata.

— Mesmo os estudantes, lá em cima, portaram-se bem.

— Claro! Os estudantes sempre foram unanimes em aclamar os verdadeiros artistas, os talentos de escól! Sabem destinguir o trigo e o joio. Entre um milhão de joias de pechisbeque, reconhecem imediatamente as pedras de valor. Olha! Ahi vêm elles..

E os moços passam, enthusiasmados, numa alegria esfuziante.

— Que colosso. . Julieta Telles de Menezes. Que voz! Que elegancia! Lá de cima, a gente ouvindo e vendo Julieta cantar, tem a impressão de que ja está no céu.

CINERAMA

ADOLPHE MENJOU e RICHARD DIX

BABY, o mal do cinema é a insipidez da vida.

Esse mundo encantado de sonhos e maravilhas no qual se vive a hora e meia da projecção, é que torna odioso, para as cabecitas moças, o mundo enfadonho de todos os dias.

O cinema dando uma falsa concepção das cousas é a fonte perigosa de desillusões deploraveis. E Voce, Baby, anonyma e amavel, se me afigura intoxicada pelo opio subtil, da civilisação contemporanea – os bonecos mudos que dansam na tela branca.

Esse horror doentio de personagens cultos, na vida e na tela ou seria um fructo paradoxal de scepticismo scientifico ou o resultado necessario de um cerebro ancioso que pedio ao cinema a solução de problemas que o cinema não pode resolver. Por isso que elle é simplesmente uma historia de fadas para a gente Grande.

Mesmo comprehendido assim não lhe perdoo as preferencias. Sobrepor Richard Dix a Adolpho Menjou emprestando a ambos o espirito que o cinema lhes da é algo que me entristece como a profanação de cousas sagradas !

O francez ja não é moço : na sua alma não cantam os enthusiasmos nem as illusoes da juventude. O cynismo gelado e o sorriso presumçoso de que elle se reveste na boa e na má sorte irritam, as vezes.

Elle não é bonito embora seja sympathico ; e, o que não lhe perdoam as moças, Menjou não se apaixona – deseja com sobriedade e elegancia.

O americano é rapaz ; na sua alma inexperiente turbilhoam tempestades.

Elle não comprehende a vida sem taponas, sem rival que as receba, sem namorada que as recompense. Elle chora, ri, despenteia-se e soffre. Sua alegria, bulhenta e gloriosa me entimida e aborrece.

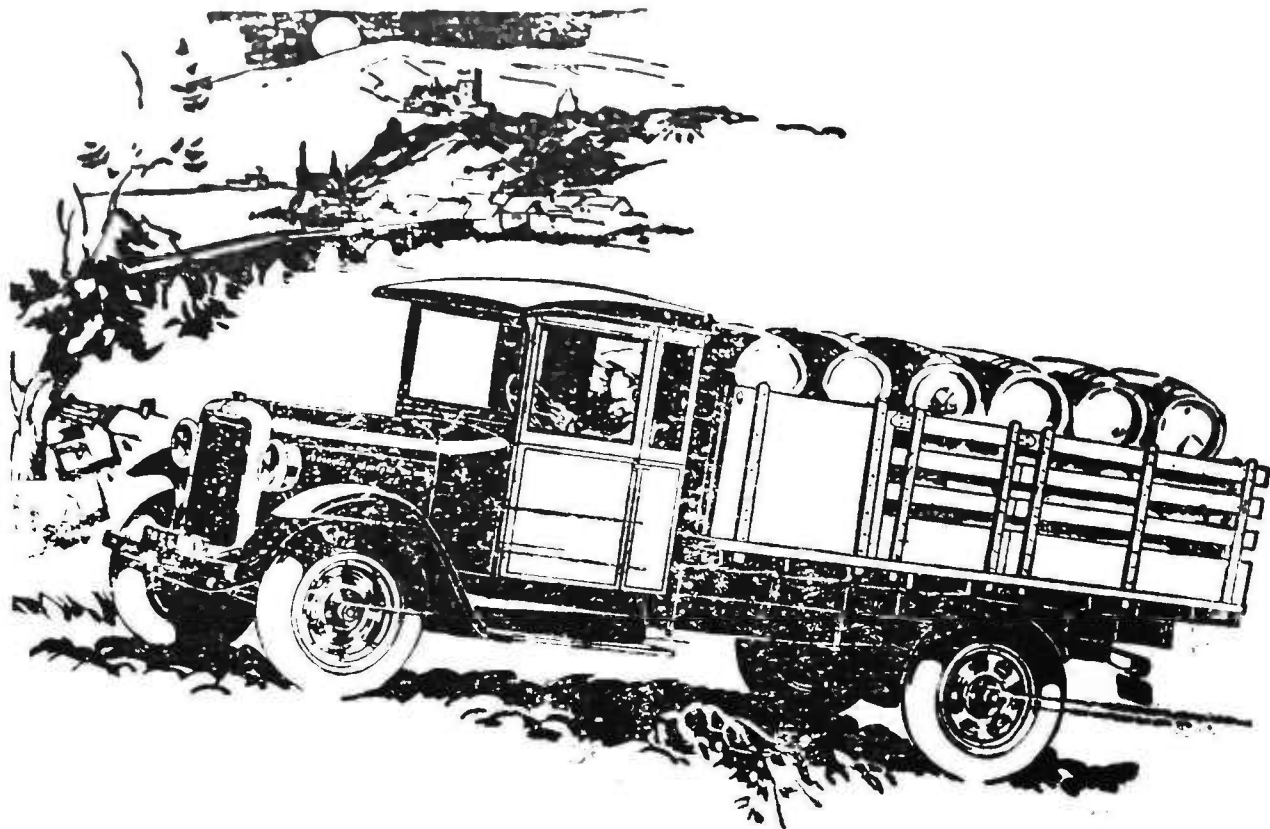
Menjou é calmo, seus prazeres pequenos são prazeres seus e não exigem como os de Richard Dix a mobilisação do exercito e da marinha Norte-Americana.

Menjou é o filho da civilisação ; é o homem que vio o vazio e o fundo de todas as cousas. Menjou é a cultura, é o resultado desolador do esforço humano desde os tempos obscuros das cavernas primitivas até a poesia do Sr. Mario de Andrade.

Menjou é a luta ignorada e grandiosa da vacilante intelligencia humana.

Richard Dix, o symbolo de um estagio inferior da especie a que pertencemos. E' a creança bonita e inconsequente cheia de enthusiasmos e juventude, que encanta porque é ella, porque parece sincera.

Mas, não é ,Baby, porque a sinceridade é apenas a continuidade de crenças e de attitudes. Richard Dix não pode ser sincero ; sua alma varia com as horas e com os "flirts"

Creia, que Adolpho Menjou apezar de todos os pezares é mais digno de seu carinho. E é só, Baby.

Economía

Os fabricantes dos Caminhões e Omnibus Graham Brothers acreditam que a economía nas despezas de operação, occupa o mesmo gráu de importancia que a fidedignidade, força e velocidade de um vehículo.

Cada typo, cada Caminhão, cada Omnibus é esboçado e construido visando um alvo principal —a economía, ou seja: reduzidos gastos de operação, o que implica: maiores lucros para o proprietario.

O Caminhão Graham Brothers de 2 toneladas, de 6 cylindros—rapido e potente—já está provando por si mesmo que é um productor de lucros para os seus proprietarios, por effeito dos gastos de operação em extremo reduzidos.

CAMINHÕES E AUTO-OMNIBUS GRAHAM BROTHERS

CONSTRUÍDOS PELA SECÇÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC., VENDIDOS PELOS AGENTES DODGE BROTHERS NO MUNDO INTEIRO

Agentes geraes: Antunes dos Santos & Cia.

Rua Barão de Itapeteninga, 39-41 — SÃO PAULO